

# Diocese de Santo André



Formação Presbiteral

1

Diretório Diocesano



**DIOCESE DE SANTO ANDRÉ**

**FORMAÇÃO PRESBITERAL**

**DIRETÓRIO DIOCESANO**





---

# SUMÁRIO

<b>SIGLÁRIO</b> .....	4
<b>DECRETO</b> .....	5
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	6
<b>PLANO FORMATIVO</b>	
<b>I - PREMISSAS</b> .....	8
1.1 - Introdução.....	8
1.2 - O Serviço de Animação Vocacional e a Pastoral Vocacional .....	8
1.3 - Formadores e Exigências do Processo Formativo.....	10
<b>II JUSTIFICATIVAS</b> .....	13
2.1 - A Pessoa, o Cristão, o Sacerdote: Formação Integral.....	13
2.2 - Dimensão Pastoral-Missionária .....	14
2.3 - Dimensão Humano-Afetiva.....	17
2.4 - Dimensão Comunitária .....	19
2.5 - Dimensão Espiritual.....	22
2.6 - Dimensão Intelectual.....	24
<b>III - DOS OBJETIVOS</b> .....	26
<b>IV CONCLUSÃO</b> .....	27
<b>REGULAMENTO DO SEMINÁRIO DA DIOCESE DE SANTO ANDRÉ</b>	
<b>1 - SEMINÁRIO - TEMPO DA FORMAÇÃO INICIAL</b> .....	29
1.1 - Projeto formativo em três etapas distintas.....	30
1.2 - Locais de residências e estudos.....	31
1.3 - Normas Gerais das Casas de Formação.....	31
<b>2 - OS FORMANDOS</b> .....	33
2.1 - Das condições básicas para a entrada no Seminário .....	33
2.2 - Da vivência no Seminário.....	36
<b>3 - OS FORMADORES</b> .....	37
3.1 - Quem são os Formadores .....	37
3.2 - Os Formadores (Reitores) Responsáveis pela Casa de Formação.....	37
3.3 - O Conselho de Formadores.....	38
3.4 - O Bispo Diocesano .....	38
3.5 - Os Formadores responsáveis do Propedêutico Filosofia, Teologia.....	39
3.6 - O Diretor Espiritual.....	40
3.7 - O Diretor de Estudos .....	41
3.8 - O Coordenador da Pastoral Vocacional.....	42



---



<b>4 - DIMENSÃO PASTORAL</b> .....	42
4.1 - Estágio Pastoral.....	42
<b>5 - DIMENSÃO MISSIONÁRIA</b> .....	46
<b>6 - DIMENSÃO COMUNITÁRIA</b> .....	47
6.1 - Disciplina do horário como acolhida da realidade comunitária.....	47
6.2 - Educar-se para o trabalho em equipe .....	47
6.3 - Cultura, lazer, esporte, e cuidados com a Saúde.....	47
6.4 - Avaliações da caminhada formativa e partilhas de vida.....	48
<b>7 - DIMENSÃO HUMANO-AFETICA</b> .....	49
7.1 - Momentos formativos.....	49
7.2 - Acompanhamento Psicológico.....	49
7.3 - Relacionamento com os formadores, professores e funcionários.....	49
7.4 - Regras disciplinares.....	50
<b>8 - DIMENSÃO ESPIRITUAL</b> .....	51
8.1 - Vida espiritual no Seminário.....	51
8.2 - Orientação Espiritual.....	51
<b>9 - DIMENSÃO INTELECTUAL</b> .....	53
9.1 - Os Estudos Acadêmicos.....	53
9.2 - O estudo pessoal.....	53
9.3 - A biblioteca da Casa de Formação.....	53
<b>10 - DOS ASSUNTOS DIVERSOS</b> .....	55
10.1 - Projeto Comunitário de vida.....	55
10.2 - Formação Litúrgica na Casa de Formação.....	55
10.3 - Saídas - Descanso - Período de Férias.....	56
10.4 - Uso da túnica e vestimentas clericais .....	56
10.5 - Mídias: Computador, telefone, rádio e outros.....	56
10.6 - Visitas e hospedagem.....	57
10.7 - Participação das Famílias.....	57
10.8 - Plano de Saúde.....	58
10.9 - Previdência Social - INSS.....	58
10.10 - Ajuda de Custo para os seminaristas.....	58
<b>11 - ADMISSÃO, MINISTÉRIOS E ORDENAÇÕES NA CASA DE TEOLOGIA</b> .....	59
<b>12 - COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS EM CADA ETAPA</b> .....	60
<b>13 - DISPENSA DO PROCESSO FORMATIVO</b> .....	63

---





## SIGLÁRIO

AG – *Ad Gentes*

Cân – Cânone do Código de Direito Canônico

CIC – Catecismo da Igreja Católica

DAP – Documento de Aparecida

Doc. 93 – CNBB - Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil

EN – *Evangelii Nuntiandi*

LG – *Lumen Gentium*

RM – *Redemptoris Missio*

NMI – *Novo Millenio Ineunte*

OT – *Optatam Totius*

PdV – *Pastores dabo Vobis*

PO – *Presbyterorum Ordinis*



Dom Pedro Carlos Cipollini  
*Bispo Diocesano de Santo André*

## DECRETO

Ciente de que a primeira responsabilidade quanto às vocações sacerdotais e formação dos presbíteros é do Bispo, o qual, nesta tarefa, conta com a colaboração de seu Presbitério (PdV 41 e 65);

Sendo ainda de competência do Bispo aprovar o Plano de Formação ou Projeto Formativo e o Regulamento do Seminário, Seminário este que é *instituição primária* da Diocese (Cân. 243 e *Apostolorum Successores* n. 84 e 90);

Considerando que as Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja do Brasil reconhece a necessidade de um Plano de Formação, diretório e regulamento do seminário ou casa de formação *“para construir uma tradição pedagógica, uma experiência consolidada, na diocese e garantir sua continuidade”* (CNBB - Doc. 93, n. 154-156);

Levando em conta estas mesmas diretrizes emanadas de nossa Conferência Episcopal (Cân 242) e a *Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis* (2016), foi elaborado com a colaboração dos formadores e aprovação do Conselho Diocesano de Presbíteros de nossa Diocese este Diretório de Formação;

Por este decreto, aprovo e sanciono para ser usado na formação dos seminaristas de nossa Diocese este **Diretório Diocesano de Formação Presbiteral** contendo o Plano Formativo e o Regulamento do Seminário Diocesano em nível de Propedêutico, Filosofia e Teologia, para um período experimental de quatro anos entrando o mesmo em vigor na data de sua promulgação como fruto de nosso *Sínodo Diocesano*.

Santo André, 12 de maio de 2017, Segunda Sessão Geral do Sínodo Diocesano  
Véspera do Centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima

Dom Pedro Carlos Cipollini  
Bispo Diocesano de Santo André

Pe. Felipe Cosme Damião Sobrinho  
Chanceler



# APRESENTAÇÃO

“A vocação sacerdotal é um dom de Deus, que constitui certamente um grande bem para aquele que é o seu primeiro destinatário. Mas é também um dom para a Igreja inteira, um bem para a sua vida e missão” (PdV 41). A vocação é um dom e uma condição para assumir o ministério presbiteral.

O Diretório da Formação Presbiteral da Diocese de Santo André quer ser um instrumento que oriente a formação da pessoa daqueles que se sentem chamados, vocacionados, por Deus ao ministério presbiteral, oferecendo-lhe, antes de qualquer outra coisa, um caminho de autoconhecimento e formação humano-afetiva-espiritual-pastoral-comunitária-missionária que possa, gradualmente, favorecer a integração de sua personalidade. Ao mesmo tempo, orienta – através do encontro com Jesus – à busca de uma sólida identidade cristã e uma opção verdadeira por Jesus Cristo, gradualmente configurando-se ao Bom Pastor, com marcantes traços de discípulos missionários do Senhor.

É o Seminário, antes de tudo, uma escola do Evangelho: tem com modelo e referência ideal a própria convivência de Jesus com o grupo dos Apóstolos. Antes de ser um espaço geográfico, o Seminário “representa um espaço espiritual, itinerário de vida, de forma que aquele que é chamado por Deus ao sacerdócio possa tornar-se, pelo sacramento da Ordem, uma imagem viva de Cristo, Cabeça e Pastor da Igreja” (CNBB - Doc. 93, n. 140).

Deus chama sempre os seus sacerdotes, a partir de determinados contextos humanos e eclesiais, com os quais estão inevitavelmente coligados e aos quais são mandados para o serviço do Evangelho de Cristo. Por isso, o Seminário acaba sendo uma experiência formativa rica e complexa, com um esforço sério para que todas as suas dimensões estejam articuladas, integradas e equilibradas, sendo entendidas como parte de um processo que se intensifica nesta etapa da formação inicial, mas que deverá continuar por toda a vida.

Durante o processo formativo, “o seminarista é sujeito de sua formação, responsável pelo seu próprio crescimento” (CNBB - Doc. 93, n. 90). Os formadores têm papel fundamental, uma vez que tomam parte nesse processo (coordenado pelo Bispo como primeiro responsável deste processo), que, por natureza, envolve o acompanhamento de pessoas concretas, que caminham para uma adesão livre ao Senhor.

“Para quem não sabe para onde deve ir todo caminho serve”, este não é o caso dos discípulos missionários de Jesus, eles são levados por Deus para onde Ele quer. Na formação cristã como um todo, e neste caso na formação presbiteral inicial, o Reino é meta, Jesus é Caminho e a Igreja é a nossa Casa.

Agradecendo a todos que colaboraram na confecção deste Diretório, faço votos de que, formandos e formadores, e porque não toda Diocese de Santo André, encontrem neste instrumento auxílio e orientação para a vida e a vocação. Tudo para a maior glória de Deus e o bem da Igreja de Cristo presente no território da Diocese de Santo André.

Em nome de Jesus,

Dom Pedro Carlos Cipollini  
Bispo Diocesano de Santo André



# PLANO FORMATIVO



# I - PREMISSAS

## 1.1 - Introdução

1. O Diretório da Formação Presbiteral da Diocese de Santo André quer ser um instrumento que oriente a formação da pessoa daqueles que se sentem chamados por Deus ao ministério presbiteral, oferecendo-lhe, antes de qualquer outra coisa, um caminho de autoconhecimento e formação humano-afetiva-espiritual-pastoral-missionária que possa, gradualmente, favorecer a integração de sua personalidade. Ao mesmo tempo, orienta – através do encontro com Jesus – à busca de uma sólida identidade cristã e uma opção verdadeira por Jesus Cristo, gradualmente configurando-se ao Bom Pastor, com marcantes traços de discípulos missionários do Senhor.

2. O tempo de formação oferecido no Seminário deve ser entendido pela diocese como o início de um *processo*. O Seminário é uma etapa obrigatória para a formação dos candidatos ao sacerdócio (cf. Cân. 253 e 257). Nesse período, ele é a etapa inicial da formação do candidato e, assim, é denominado “formação inicial”. Um tempo de lançar solidamente as bases e raízes da formação presbiteral, fazendo emergir o humano e cristão que existe em cada formando. Ao final deste tempo de formação inicial – que deverá continuar por toda a vida, na formação continuada ou permanente (que tem lugar no presbitério) – deverá o jovem estar num franco processo de maturação e integração de sua personalidade, marcada opção por Jesus Cristo e clara identidade presbiteral (configuração com o ícone do Bom Pastor) para a vivência da caridade pastoral.

4. “A vocação sacerdotal é um dom de Deus, que constitui certamente um grande bem para aquele que é o seu primeiro destinatário. Mas é também um dom para a Igreja inteira, um bem para a sua vida e missão” (PdV 41). A vocação é um dom e uma condição para assumir o ministério presbiteral. Isto significa que ninguém pode arrogar-se o direito de escolher o ministério de presbítero, com base unicamente em suas aspirações. “Na diocese não devem faltar orações especiais ao 'Dono da Messe'” (DAP 314), dever desta Igreja Particular assumir a sua missão geradora e educadora de vocações, transformando essa preocupação em formas concretas de ação.

## 1.2 - O Serviço de Animação Vocacional e a Pastoral Vocacional

5. A Animação Vocacional é responsabilidade de todo o Povo de Deus, começa na família e continua na comunidade cristã. Enquanto Serviço de Animação Vocacional (SAV) deve dirigir-se às crianças e especialmente aos jovens, para ajudá-los a descobrir o sentido da vida e o projeto que Deus tem para cada um, acompanhando-os em seu processo de discernimento. “Plenamente integrada no âmbito da pastoral ordinária, o SAV é fruto de uma sólida pastoral de conjunto, nas famílias, na paróquia, nas escolas católicas e nas demais instituições eclesiais” (DAP 314). A avaliação da autêntica vocação



deve levar em consideração as aptidões objetivas de cada pessoa indicando-a para a vocação que melhor lhe cabe, a livre determinação da vontade na opção vocacional e as motivações conscientes e inconscientes da vocação. É dever da comunidade cristã colaborar no discernimento do chamado de Deus.

6. O SAV “exige ser assumido com um novo, vigoroso e mais decidido compromisso por parte de todos os membros da Igreja, na consciência de que ele não é um elemento secundário ou acessório, nem um momento isolado ou setorial, quase uma simples parte, ainda que relevante, da pastoral global da Igreja” (PdV 34).

7. A Diocese de Santo André possui uma Equipe SAV que coordena o serviço diocesano de animação vocacional, sob a orientação do Bispo. Cabe à equipe promover encontros e orações pelas vocações: coordenar e organizar a ação vocacional em todo o itinerário vocacional (despertar, discernir, cultivar e acompanhar as vocações) e, desse modo, atuar junto aos vocacionados e vocacionadas. Ela convida as famílias a reconhecerem a bênção de ter um filho chamado por Deus para essa consagração e apoiarem sua decisão e seu caminho de resposta vocacional. “Aos sacerdotes, estimula-se a dar testemunho de vida feliz, alegre, entusiástica e de santidade no serviço do Senhor” (cf. DAp 315).

8. Em cada paróquia e, se possível, em cada comunidade, haja uma equipe responsável pelo serviço de animação vocacional, sempre animada pelo pároco. Cabe à equipe realizar em sua realidade trabalho semelhante ao da Equipe Diocesana. Sugere-se à equipe que promova, de modo regular, permanente e pedagógico, encontros vocacionais com crianças, adolescentes e jovens. Cabe a esta equipe favorecer uma orientação vocacional personalizada, mediante um serviço de escuta e diálogo capaz de ajudar os vocacionados a descobrirem suas verdadeiras motivações e deixarem-se conhecer a partir do chamamento de Cristo.

9. A Pastoral Vocacional por sua vez é o espaço favorável de motivação e de discernimento de vida das vocações para o sacerdócio diocesano. É de competência da Pastoral Vocacional, em comunhão com o Bispo diocesano, promover as vocações sacerdotais e fazer a análise de cada candidato à vida presbiteral que deseja ingressar no Seminário diocesano. Nesta fase o candidato será acompanhado em sua maturidade afetiva, considerando sua idade; em nível de amizades, família e comunitário-elesial, sua maturidade de fé e pastoral bem como sua capacidade de assumir responsabilidades a longo prazo.

10. A equipe da Pastoral Vocacional é coordenada por um padre diocesano e nela constam profissionais de áreas paralelas (psicólogos p.ex), outros padres e seminaristas. A juízo desta equipe, após um período mínimo de um ano, e máximo a critério da mesma equipe, o ingresso no Seminário da Diocese de Santo André pode ser aprovado ou recusado. Este pedido de ingresso do candidato é sempre feito através de



escrito e dirigido ao Bispo conforme formulário indicado pela Pastoral Vocacional.

11. O candidato ao Seminário pode ser dispensado em qualquer fase do processo de discernimento da pastoral vocacional caso se constate impossibilidade de acompanhar as exigências deste momento, isto se dará pela decisão da equipe da Pastoral Vocacional.

### 1.3 - Formadores e Exigências do Processo Formativo

12. Naturalmente, exige-se, para esse complexo caminho formativo, *a fé como condição primeira*; uma fé esclarecida e amadurecida. Depois, *a capacidade de abrir-se ao processo* e enxergar-se dentro dele. Por fim, é necessário o *tempo*, para que este processo seja um caminho de novas maturações e atinja um ponto ideal, com a consciência de que ele nunca terminará.

13. A “*formação ideal*” para o sacerdócio dura aproximadamente oito anos e se dá em três etapas distintas, mas não estanques ou desconexas entre si. Elas já formam um todo e, ainda que se idealmente delimitem a um número de anos, na prática, não acontece assim, pois o fato de ter terminado os estudos não garante que o jovem tenha atingido os objetivos básicos do itinerário formativo. Em outras palavras: terminar o período de estudos não garante a chamada às Ordens, se o jovem e/ou seus formadores não tiverem assegurado que o mesmo tenha percorrido o caminho de formação com proveito das cinco dimensões da formação o candidato não será ordenado. Durante estes oito anos, há três períodos que devem ser considerados: o *primeiro período* refere-se ao Propedêutico, que dura um ano; o *segundo período* vai do primeiro ano de Filosofia até a Admissão entre os candidatos às Ordens Sacras, que marca a entrada para a Teologia e dura três anos; o *terceiro período* inicia-se com a Admissão entre os candidatos às Ordens Sacras, culminando com a ordenação presbiteral (tendo antes recebido a ordenação diaconal), dura pouco mais de quatro anos.

14. Os *formadores* são um elemento constituinte importante no processo formativo. O formador deve possuir as seguintes características: Ser maduro, integrado no presbitério, ter experiência e abertura pastoral, além da capacidade intelectual e psicológica para o serviço, amor à Diocese e união com o Bispo. A capacidade de ser formador é, no fundo, a capacidade de saber propor o caminho formativo de acordo com a situação de cada formando, acolhendo e acreditando no mesmo e em suas capacidades e favorecendo que ele desenvolva sua personalidade de maneira saudável. Para favorecer essa interação formativa, o formador nunca agirá sozinho, pois fará parte de uma “Equipe de Formadores”, que deve levar em conta a interdisciplinaridade e a colaboração de várias pessoas, incluindo, quanto possível, também a figura feminina. A interação dos vários formadores e a profunda comunhão entre os mesmos são essenciais para o trabalho em equipe e serão fomentadas ao longo de todo o processo formativo.



15. Esta integração é essencial para que se garanta também a fidelidade a este Plano Formativo, pois o conceito de pessoa, presbiterado e de Igreja que o formador desenvolve, ao longo de sua vida, dá a estrutura, os conteúdos e fins do processo formativo que o mesmo desenvolve junto aos formandos e só o “agir em equipe” pode garantir que não haja distorções de visão e de ação.

16. O *Bispo*, como primeiro formador da Diocese (cf. PdV 65) e como garante da formação, estará muito próximo dos formadores do Seminário. Essa presença constante do Bispo no processo formativo se fundamenta na origem do seu próprio ministério pastoral na Diocese e também na responsabilidade institucional da Igreja. O Bispo deve assegurar a formação dos presbíteros, não só providenciando as condições econômicas, acadêmicas e os ambientes favoráveis à formação, mas também garantindo que o Plano Formativo seja cumprido. Isto seja praticado com a colaboração ativa dos formadores, que são colocados como responsáveis pela formação dos futuros membros do Presbitério.

17. O *protagonismo*, porém, do caminho formativo, é do *próprio formando*. É ele que deverá buscar sua formação em primeira pessoa, acreditando em si mesmo em primeiro lugar e, depois, aceitando as mediações formativas que são o **Plano Formativo da Diocese**, o **Regulamento da Casa de Formação** e a pessoa dos formadores, entre outras. Tudo no Seminário é formativo e a consciência disso levará o formando a aproveitar o tempo da formação inicial ao máximo, através de sua participação ativa, de seu interesse e colaboração. Todas as técnicas formativas empregadas no Seminário estarão a favor de seu progressivo amadurecimento humano e espiritual e da sua configuração com a pessoa de Jesus Cristo, num verdadeiro processo de identificação. A formação de nossas casas se propõe a ser personalizada e personalizante, fazendo emergir as potencialidades do formando a partir de dentro, ajudando-o a construir sua identidade humano-vocacional de forma mais abrangente.

18. Há três eixos formativos determinantes no processo: Plano Formativo, Regulamento, Conteúdos Acadêmicos. O primeiro eixo é o sistema de valores nos quais se centra a ação formativa, ou seja, um *Plano Formativo*. O segundo, é a adequação – a partir da experiência diária – de uma regulamentação formativa com valores selecionados em vista da organização da Casa de Formação e do estilo de vida coerente com os valores do Plano Formativo; esse é o *Regulamento*. Por fim, em terceiro, há os Conteúdos Acadêmicos – Teológicos e Filosóficos, sempre em relação com a vida, os problemas e situações do nosso tempo. Este papel é cumprido pela Instituição Escolar à qual se confia a formação intelectual dos seminaristas.

19. Assim, o caminho da formação inicial (tempo de Seminário) estará orientado pelo Plano Formativo e pelo Regulamento das Casas de Formação, nascidos da caminhada histórica e da experiência formativa da Diocese de Santo André. Essa



experiência, por ser eclesial e apostólica, insere-se no contexto mais amplo do agir formativo de Jesus e da secular experiência formativo-pedagógica da Igreja, expressa em seus Documentos e Diretrizes, tanto da Santa Sé como da CNBB. As orientações contidas no Plano e no Regulamento vão sendo colocadas em prática através das técnicas formativas, entre as quais sobressai a formação para a escuta da Palavra de Deus, o autoconhecimento, a capacidade de leitura do “Livro da Vida”, entre outras tantas.

20. Para que o processo formativo possa desenvolver-se é necessário que o seminarista tenha o devido desprendimento de sua família (Mt 10,37;Lc 9,59), evitando assim uma dependência, seja afetiva, seja econômica, tal que interfira excessivamente em sua formação. Aqui vale o mesmo que se recomenda a quem se casa: Deixar pai e mãe para viver uma nova vocação (cf. Mt 19,5). Quem deixar casa, mulher, irmãos, pais ou filhos por causa do Reino de Deus receberá muito mais no futuro e a vida eterna (cf. Lc 18,28-30).



## II - JUSTIFICATIVAS

### 2. 1 - A pessoa, o cristão, o sacerdote: Formação Integral

21. Na formação inicial, em primeiro lugar, os formandos devem tomar consciência plena de seu ser humano, em toda sua complexidade. Depois, este homem deve compreender melhor sua vocação batismal cristã e, vivendo um discipulado cujo mestre é Jesus Cristo, configurar-se a Ele como o Bom Pastor que “conduz o seu rebanho para verdes pastagens” (Sl 23). Assim, este homem-cristão, na formação inicial, vai aprendendo à luz de Jesus a ser misericordioso, sensível e crítico à situação do homem e do mundo, sobretudo, aberto ao projeto do Pai. Neste processo da formação, o primeiro formador é o próprio Cristo que, por sua vez, usa instrumentos que servem de mediação para que ocorra este contínuo contato entre o Mestre e o discípulo. Estes instrumentos devem identificar-se com a pessoa de cada formador que busca também ele assemelhar-se a Jesus Cristo Bom Pastor.

22. O futuro presbítero, para ter um ministério eficaz, na Comunidade Formativa do Seminário, deve fazer uma verdadeira experiência da Igreja de Cristo: não vista simplesmente como Instituição, mas sim como Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo. Pastoreando o rebanho de Cristo, haverá de ter consciência de que deverá conduzir todo o Povo de Deus para o Reino definitivo, cujo início de uma realização plena se dá nesta vida, na história humana. O candidato ao presbiterado é chamado, como cristão a responder ao apelo que Cristo fez ao aos seus discípulos: ser sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5,13ss). De tal modo, há necessidade de se formar uma consciência pascal capaz de manifestar-se em um testemunho vivo de amor e comunhão. Dentro da Igreja, o Seminário é entendido, como lugar de preparação e formação ao presbiterado, haverá de ser Escola da Comunhão e do amor a Cristo e aos irmãos (cf. NMI, 43).

23. Por outro lado, urge formar pastores preparados para enfrentar os desafios colocados para a Igreja, pois estamos vivendo mudanças significativas na sociedade em termos de tecnologia e de ciência, bem como o desenvolvimento de atitudes questionáveis como o individualismo e o relativismo, envolvendo seriamente o problema da dignidade humana, que condicionam o próprio desenvolvimento da pastoral. É um dos objetivos do tempo de formação oferecer os subsídios necessários para os futuros presbíteros trabalharem pela dignidade da pessoa humana, levando-a a responder à sua vocação primordial à vida, em Deus. Para que isto aconteça, é necessário que o formando tenha uma visão global crítica da situação do homem na sociedade de hoje, que esteja inserido em seu tempo e à frente deste, acompanhe de perto as mudanças e tenha a convicção plena de que a salvação do mundo passa pelo encontro decisivo com Jesus Cristo e em uma opção radical por Ele.

24. A formação presbiteral deve envolver a pessoa do candidato de forma



integral, buscando conhecê-lo, colaborando com o desenvolvimento de seus dons e ajudando-o a superar as deficiências, que ao longo do processo vão se manifestando. Por isso, é necessário buscar todos os meios que são necessários para o progresso do conhecimento do candidato como pessoa. As diretrizes da CNBB (Documento 93 –2010) e a Exortação Apostólica *Pastores dabo Vobis* do Papa João Paulo II indicam cinco campos de atuação para a formação do presbítero: pastoral-missionária, humano-afetiva, intelectual, espiritual e comunitário. Estas dimensões devem estar sempre integradas, nunca dissociadas, cuide o Reitor para que esta integração seja orgânica. Aqui são oferecidas algumas linhas gerais que servirão de reflexão introdutória sobre o sentido e coração de cada dimensão. Cada dimensão será desenvolvida no decorrer do processo formativo, sendo ali colocada a modalidade de desenvolvimento de cada etapa formativa. A seguir, buscaremos ver os problemas inerentes a cada aspecto da formação cujas soluções serão encontradas com o desenvolvimento e os ajustes do próprio processo.

## 2. 2 - Dimensão Pastoral-Missionária

25. “Toda a formação dos candidatos é destinada a dispô-los de modo particular a comungar da caridade de Cristo, Bom Pastor. Portanto, nos seus diversos aspectos, esta formação deve ter um caráter essencialmente pastoral (OT 4) e missionário; a finalidade pastoral assegura à formação espiritual, humana e intelectual determinados conteúdos e características específicas, da mesma forma que unifica e caracteriza a inteira formação dos futuros sacerdotes” (PdV 57). Desta maneira, pode-se dizer que a dimensão pastoral se apresenta como eixo importantíssimo para a formação do futuro presbítero, visto que ele deverá atuar como pastor, conforme a caridade do próprio Cristo Bom Pastor.

26. A formação pastoral precisa oferecer ao candidato ao presbiterado “uma verdadeira e autêntica iniciação à sensibilidade de pastor, a assumir de maneira consciente e amadurecida suas responsabilidades. Precisa adquirir o hábito interior de avaliar os problemas e de estabelecer as prioridades e meios de solução, sempre a partir de claras motivações de fé e segundo as exigências teológicas da própria pastoral” (PdV, 58). O formando deve crescer tendo a consciência de que o rebanho não lhe pertence, mas pertence a Cristo Jesus, o único e verdadeiro Pastor. O presbítero é chamado a participar no pastoreio de Cristo.

27. Diante das exigências do próprio ministério, o candidato ao presbiterado tem que ser aquele que se reconhece dotado de dons entregues por Deus e, portanto, busca ser um homem equilibrado em suas atitudes, solícito e sensível às necessidades do povo que Deus escolheu para si. Vir a ser é sempre um imperativo para todo cristão, pois não somos seres acabados. Além do mais, os sinais dos tempos clamam por um Presbitério perspicaz e inteligente, capaz de ler a realidade que o rodeia e buscar soluções concretas para situações difíceis. O pastor é aquele que estabelece um diálogo



contínuo com o maior dos Pastores, procurando segui-lo e sendo-lhe ícone, dando assim um autêntico testemunho de seu amor. É capaz de viver e orar em comunidade conduzindo assim o seu rebanho à consciência de que não são apenas um agregado de pessoas, mas homens e mulheres que têm algo em comum: o amor de Cristo que os une.

28. A formação, em sua especificidade pastoral, se propõe “a valorizar a comunhão cada vez mais profunda com a caridade pastoral de Jesus, garantindo ao futuro presbítero o crescimento de um modo de ser em comunhão com os mesmos sentimentos e comportamento que existiram em Cristo, Bom Pastor: “tende os mesmos sentimentos que existiram em Cristo” (Fl 2,5) (PdV 57). Por isso, “as exigências pastorais feitas pelos formandos precisam ser discernidas e acompanhadas pelo processo formativo, além de colocar na autenticidade as motivações de cada candidato, e ajudá-lo a assumir o ministério como um verdadeiro e generoso serviço, na qual o seu ser e agir, pessoa consagrada e ministério, são realidades inseparáveis” (Dap 322).

29. A preparação dos futuros presbíteros se faz em um contexto crítico de proliferação de denominações religiosas, do individualismo, do relativismo, do desequilíbrio e desintegração do indivíduo, da família e da sociedade. O pastor é chamado a enfrentar estas situações com a mesma sensibilidade de Cristo, superando qualquer espécie de legalismo farisaico que possa ameaça-lo. Como pastor, ele haverá de ser capaz de dialogar, mostrando-se seguro e convicto de sua fé (maturidade intelectual), a ponto de excluir qualquer tipo de autoritarismo que interrompe a comunhão (maturidade humana e comunitária). Ao abrir-se à comunidade que o circunda, deverá descobrir dinamismos que sejam capazes de congregar o Povo de Deus na comunhão de um só coração, aquele de Jesus Cristo, Bom Pastor (maturidade espiritual e pastoral). É fundamental, portanto, que cada candidato entre, num primeiro momento, em contato profundo com a Palavra de Deus e com a Tradição da Igreja. Em outras palavras, sejam adultos na fé. Nota-se uma grande defasagem no conhecimento bíblico-doutrinal e, por isso, não há firmeza de convicção sobre o próprio projeto de Deus para a salvação de seu povo. Em decorrência, muitos dos formandos voltam o seu interesse ao que não é essencial à fé.

30. A catequese, onde se fomenta a experiência de Cristo na Comunidade que reflete a sua fé, é o primeiro passo que se dá para que o formando possa, simultaneamente, deparar-se com as situações onde a evangelização é necessária, e possa evangelizar seguro por tudo o que recebeu. Com o progresso da caminhada de formação, a atuação do formando será cada vez mais envolvente, possibilitando uma atuação mais eficaz pela participação no pastoreio de Cristo com seus instrumentos. É assim que o formando vai sendo capacitado a falar e agir em nome de Cristo e da Igreja.

31. Todo pastoreio deve ser entendido como serviço disponível e generoso capaz de gerar a vida e liberdade, não deve ser assumido somente como simples



autoridade. Com isto, cada formando, configura-se a Cristo Bom Pastor, precisa cingir-se de sua **caridade pastoral** e colocar-se a serviço dos irmãos e irmãs, especialmente daqueles menos favorecidos (Jo 13,4), pois a opção pelos pobres é evangélica e cristológica (Bento XVI). Deste modo, seus atos serão como “luz”, diante de uma sociedade que busca na riqueza material, incentivada pelo consumismo, o sentido da própria vida, limitando-se ao seu bem-estar. É necessário levar à compreensão de cada formando que a libertação integral do ser humano se encontra no reconhecimento de seus dons, colocados a serviço de todos.

32. Assumir o **serviço**, como atitude inerente ao ser e agir do consagrado exige despojamento, favorece a busca da maturidade humano-afetiva e a vivência do celibato na entrega a Deus e aos homens com o coração pleno e indivisível (DAp 196). Além disso, garante a educação da fé cristã católica (DAp 13) que age pela caridade operante. Nesse sentido, o formando, futuro presbítero, é chamado a apresentar Cristo nos diversos areópagos do mundo contemporâneo, indo ao encontro dos novos ambientes desafiadores, através de uma pastoral ambiental, fazendo experiências pluriformes – inserindo-se nas diversas áreas da sociedade – política, economia, educação, saúde, comunicação, no diálogo inter-religioso, etc., superando a timidez, o medo, o desânimo, o cansaço e o desencanto, na promoção e valorização da cultura da vida e da dignidade de cada pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, sobretudo dos pobres, migrantes, dependentes químicos, desempregados, portadores e vítimas de doenças graves, asilados, excluídos e marginalizados (DAp 65).

33. A dimensão pastoral do candidato ao presbiterado diocesano secular e, conseqüentemente, do futuro presbítero, deve amadurecer na busca da comunhão com o Bispo Diocesano e seu Presbitério, além da consciência da urgente ação missionária da Igreja. Por isso, estimule-se que os seminaristas vejam e se relacionem com o Bispo como um pai, amigo e irmão, conscientes de que seu ministério tanto será mais fecundo, quanto mais intimidade e colaboração tiver com o ministério episcopal. Para que o ministério do presbítero seja coerente e testemunhal, ele deve amar e realizar sua tarefa pastoral em comunhão com o Bispo e com os demais presbíteros da diocese (DAp 195). Daí emerge que a pastoral desempenhada pelo seminarista precisa estar em comunhão com a caminhada pastoral da Igreja Diocesana. Suas preocupações devem ser, necessariamente, as mesmas preocupações da Igreja Local com seu Plano de Pastoral, que estimulem o seminarista a elaborar o seu projeto pessoal no desejo de desgastar-se e consumir-se por uma pastoral orgânica, e isto implica acompanhamento dos formadores e do presbitério que o acolhe na paróquia.

34. Os *movimentos eclesiais* e as *pastorais* serão entendidos como parte fracionária do serviço que Cristo presta aos homens por meio de seus colaboradores. Muitos formandos são oriundos destas experiências eclesiais e o Seminário cuidará de não anular a história pessoal de cada um, favorecendo a que se abram à Igreja como



realidade ampla e complexa. Quando solicitado pelo seminarista e constar com a anuência do formador, sem atrapalhar a dinâmica do processo formativo, será autorizada a participação em atividades dos movimentos. Contudo, e, todo tempo, será pedido o mesmo espírito de abertura real e efetiva às outras realidades eclesiais.

35. A dimensão pastoral é essencialmente *missionária*, pois a Igreja é, por sua natureza e essência, igualmente missionária (cf. AG 2), e isto também deve fazer parte do ministério presbiteral, pois o presbítero existe com a Igreja, para a Igreja e na Igreja, em vista do Reino de Deus, do qual a Igreja é servidora. “Sem dúvida, os Seminários e as casas de formação constituem espaço privilegiado – casa e escola – para a formação de discípulos missionários” (DAP 316). Os seminaristas sejam inseridos na consciência missionária que os levem a ser, paulatinamente, pessoas sempre mais em busca das pessoas, segundo o agir de Jesus Cristo no Evangelho. Também serão incentivados a diversas experiências missionárias ao longo da formação, sobretudo na realidade da Igreja Diocesana, abrindo a possibilidade destas experiências em áreas de missão no Brasil. Estas atividades missionárias têm a capacidade de abrir o formando à realidade da evangelização *ad intra* e *ad extra*, isto é, além-fronteiras, com necessidade de serem acompanhados no sentido de serem planejadas e avaliadas. Todos os seminaristas, além disso, poderão – ao longo de todo o período da formação inicial – fazer algum curso de especialização missionária, entre as tantas possibilidades que são oferecidas por organismos específicos. Para nós, em nossa diocese que é especialmente urbana, a missão deve ser compreendida como “missão na cidade”. O futuro das nações está se formando nas cidades” (RM 37).

36. A missão exige que pessoas livres e desimpedidas saibam colocar unicamente em Jesus, o Pastor dos Pastores, sua segurança. A formação deve orientar o formando para uma pobreza evangélica que o torna disponível para a missão. Quem é apegado ao dinheiro e encara o sacerdócio como um meio de vida não é apto para ele. Acumular bens materiais e buscar confortos pessoais a todo custo não pode ser o objetivo de quem deseja deixar tudo para dedicar-se ao Reino de Deus.

## **2. 3 - Dimensão Humano-Afetiva**

37. Um pressuposto fundamental para a compreensão desta dimensão da formação presbiteral, é o próprio conceito de *pessoa*. Aqui, não podemos considerar a pessoa de forma dualista, como composto de corpo e alma, mas sim como uma unidade onde a dimensão física (exterior) depende da psíquica-espiritual (interior) e vice-versa. Por isso, esta dimensão contempla o candidato ao presbiterado na sua totalidade pessoal, ou seja, em sua constituição psicossomática e emocional. O conhecimento global da pessoa depende do estudo detalhado de todos os fatores internos e externos que configuram o indivíduo em uma determinada maneira, ou seja, a sua história, cultura, educação e outros.

38. Na formação humano-afetiva, é imprescindível o acompanhamento



personalizado de cada formando, por parte dos formadores e de outras pessoas que possam colaborar com a formação presbiteral, com o auxílio das ciências humanas. Por isso, será dado grande espaço à psicologia, favorecendo aos formandos o acompanhamento psicológico personalizado e a formação através de dinâmicas conduzidas pelo psicólogo (a) responsável.

39. Nesta dimensão da formação presbiteral, o candidato será conduzido ao autoconhecimento, reconhecendo-se, antes de mais nada, como dom. Por isto, a aceitação de sua própria identidade, de suas capacidades e limitações será fundamental em um primeiro momento. Esta auto-aceitação levará o candidato a despojar-se diante de Deus no serviço ao próximo com a mesma humildade e pobreza de Cristo “que, sendo Deus, despojou-se de si mesmo e fez-se obediente até a morte na cruz” (Fl 2,7-8). O formando deverá ser conduzido à libertação de exteriorismos e acomodamento, que ofuscam a humildade de Cristo no ministério sagrado e o levam a um acentuado contrastemunho para a comunidade.

40. Sendo um dom de Deus para si e para os irmãos, o candidato será chamado a encarar a própria corporeidade e a sexualidade como dádivas de Deus, onde se manifestará a integridade humana e a beleza da ação divina. Aceitando e vivendo claramente uma identidade masculina exigida para o ministério presbiteral, o formando será levado a refletir e a convencer-se da verdadeira liberdade. Esta, ao contrário do que muitos pensam, não implica fazer o que se quer, mas sim, em base a uma opção fundamental pelo amor-serviço a exemplo de Cristo, em ser responsável pelos próprios atos e assim direcionar a sua própria vida para o cumprimento do projeto de Deus.

41. Esta dimensão buscará também a formação da reta consciência, visto que esta é centro da ação de cada pessoa. Portanto, a consciência deve ser formada e orientada à verdade, à justiça, à honestidade, e a outras virtudes e qualidades cristãs que constituem a integridade de cada homem, portanto, do presbítero. Dentro deste dinamismo, cada formando será conduzido ao reconhecimento de suas virtudes naturais e sobrenaturais, para que possa alcançar, pela imitação de Jesus Cristo, a santidade à qual todos somos chamados.

42. Especial atenção merece o relacionamento do formando com sua família, na perspectiva evangélica, para quem quer dedicar-se ao serviço do Reino. O apego a familiares ou a exigência de ser arrimo de família torna o candidato ao sacerdócio inapto para a missão: “Quem ama pai e mãe mais que a mim não é digno de mim” (Mt 10,37). A maturidade exige a independência saudável em relação aos laços afetivos parentais: “Quem deseja alcançar seu verdadeiro Eu, deve emigrar de todos os laços e dependências, antes de tudo a dependência do pai e da mãe...” “quem como adulto, ainda estiver ligado a seus pais nunca viverá sua própria vida”(A.Grumb, Lutar e Amar, Loyola, 2006 p.25).



43. Sendo possível, conforme a condição de cada família de seminarista, do mesmo modo como a todos fieis é pedido, solicite-se a ajuda financeira dos familiares para a manutenção do Seminário. Esta ajuda seja feita através das Campanhas para o Seminário ou doações espontâneas não identificadas. Neste espírito, sejam incentivados os fiéis das paróquias e comunidades a se interessarem pela formação dos futuros presbíteros, colaborando com a manutenção dos Seminários e a sustentação dos jovens vocacionados, desde os primeiros períodos de sua formação. Evite-se a prática de ajuda pessoal, do tipo apadrinhamento, para que o mesmo não se habitue a viver solicitando dinheiro de fiéis. Qualquer ajuda financeira seja canalizada ao Seminário na pessoa do Reitor.

44. No processo de formação tem importância especial a educação para o amor responsável e a maturidade afetiva que prepara o futuro presbítero para assumir o celibato. “Em vista do compromisso celibatário, a maturidade afetiva deve saber incluir, no âmbito das relações humanas de serena amizade e profunda fraternidade, um grande amor vivo e pessoal a Jesus Cristo” (PdV 44). É direito da pessoa escolher o estado de vida, de acordo com suas preferências; e, portanto, de constituir família, na base da paridade de direitos e deveres entre homens e mulheres; ou então de seguir a vocação ao sacerdócio ou à vida religiosa. O Código de Direito Canônico estabelece no Cân 219: “Todos os fieis gozam do direito de serem livres de qualquer coação na escolha do estado de vida”. Simultaneamente com este direito natural da pessoa existe também o direito de toda associação ou sociedade de escolher livremente seus próprios ministros ou dirigentes e estatuir normas para tal; assim nas normas da Igreja está a exigência do celibato para os candidatos ao sacerdócio.

## 2.4 - Dimensão Comunitária

45. No período da formação inicial, dá-se ao seminarista a oportunidade de fazer uma forte experiência de comunhão, como membro da família de Deus, chamado a alcançar a estatura de Cristo (Ef 4,13), capaz de ajudar a Igreja a realizar sua vocação de ser “como que o sacramento ou o sinal e instrumento da união com Deus e da unidade de todo o gênero humano (LG 1).

46. Uma vez configurado a Cristo pelo presbiterado, o vocacionado sabe que lhe cabe “unir a comunidade na fraternidade e conduzi-la, por Cristo, no Espírito, ao Pai... chamados a formar um só presbitério com seu Bispo, nas diversas funções que lhes cabe, pois através da Ordenação assumem uma missão comum, os sacerdotes são, também unidos fraternalmente entre si, devendo manifestar tal união pelo auxílio recíproco, espiritual, material, pastoral e pessoal, nos encontros, na vida comum, nos trabalhos e no exercício da caridade (LG 28).

47. À medida, porém, que o candidato avança na sua configuração a Cristo, cujo



ápice deve ser o Sacramento da Ordem, ele se dá conta de que o sentido da sua vida e da sua missão de presbítero dependem da qualidade e da profundidade da sua experiência de comunhão (DAp 278). Em uma realidade permeada pelo individualismo, a formação deve levar o formando a valorizar e saber criar comunhão.

48. Aplicando à formação e à vida e atuação dos presbíteros os pontos enunciados acima, a Exortação Apostólica *Pastoris dabo Vobis* afirma que a compreensão da Igreja como “mistério de comunhão” deverá levar o candidato ao sacerdócio e realizar “uma pastoral comunitária, em cordial colaboração com os diversos sujeitos eclesiais: sacerdotes e Bispo, sacerdotes religiosos e sacerdotes diocesanos, sacerdotes e leigos. Mas tal colaboração supõe a consciência e estima dos diversos dons e carismas, das várias vocações e responsabilidades que o Espírito oferece e confia aos membros do Corpo de Cristo, exigindo um sentido vivo e preciso da própria identidade e da dos outros na Igreja. Requer muita confiança, paciência, doçura, capacidade de compreensão e de espera; enraíza-se sobretudo num amor à Igreja maior que o amor a si próprio ou aos grupos a que pertence” (PdV 59).

49. Tratando-se da formação dos imediatos colaboradores do Ministério Episcopal no pastoreio da Igreja, o período da formação inicial (tempo de Seminário) deve ser compreendido como a “possibilidade de reviver a experiência formativa que o Senhor reservou aos doze apóstolos. Na realidade, uma prolongada e íntima permanência de vida com Jesus é apresentada no Evangelho como premissa necessária para o ministério apostólico”. Em sintonia com a tradição evangélica de Marcos, que sublinha a ligação profunda que une os apóstolos a Cristo entre si, antes de serem enviados a fazer curas, são chamados a estar com Ele” (Mc 3,14). Assim, o Seminário é compreendido como uma “continuação na Igreja da mesma comunidade apostólica reunida em volta de Jesus, escutando o dom do Espírito para a missão” (PdV 60).

50. É a partir desta experiência de comunhão que se prepara o Presbítero para:

- a) A comunhão de fé com o Bispo e com todo o presbitério – pois a vida de comunidade, iniciada na Casa de Formação deve continuar no presbitério para dar à Igreja e ao mundo o “exemplo luminoso de caridade e unidade” (PdV 81).
- b) A partilha com o Povo de Deus, o qual deve estimar, acolher, servir e amar – pois a comunidade formativa dará ao formando a capacidade do diálogo, respeito às diferenças e trabalho em equipe.

51. Cabe ao Conselho de Formadores, em profunda sintonia com o Bispo, fazer com que no Seminário se viva num clima de confiança, alegria e respeito mútuo, valorizando os dons de cada um e participando todos no planejamento e na disciplina comunitária (Cân 239 §3). Para tanto, é importante ajudar o candidato a perceber a dimensão positiva dos conflitos, procurando sua solução no diálogo franco e aberto. Esta é a base para uma vida sacerdotal sustentada pelo diálogo, respeito às diferenças e trabalho em equipe e a correção fraterna.



52. Será importante, nesse período, educar os formandos a administrar os bens da Igreja, evitando a acomodação, o luxo e o desperdício. Deve-se criar no formando a convicção de que ele será como presbítero, futuramente, administrador e não “dono” dos bens da Igreja. O formando e futuro presbítero deve aprender a separar os bens da Igreja na gestão paroquial e administrativa que vier a ocupar.

53. No espírito da comunhão, valorize-se o trabalho voluntário, os serviços manuais na Casa de Formação e o trabalho nos períodos de férias, educando ao espírito de pobreza e solidariedade a exemplo da família de Nazaré. A ganância, o enriquecimento e o consumismo não devem fazer parte da vida do presbítero.

54. É importante ressaltar que a comunidade formativa é chamada a criar laços com as famílias e as comunidades de origem dos formandos, com vizinhos e a paróquia onde está localizada, com as paróquias onde os candidatos exercem o seu trabalho pastoral, com a própria Igreja e suas estruturas diocesanas.

55. O formando, deixando de lado a ideia incorreta de que Seminário não é comunidade, deve superar os entraves à experiência da vida comunitária e fraterna, tais como: atitudes individualistas e narcisistas, comportamentos de isolamento e fechamento, busca de promoção pessoal, espírito de competição, gosto pelo luxo e pela mordomia, espírito de crítica negativa, submissão por conveniência, que gera duplicidade de comportamento.

56. Cultivando na Casa de Formação o espírito evangélico de comunhão, manifestado especialmente no amor à Igreja Particular, o formando deve responder concretamente com quatro atitudes básicas:

- a) Estar alegremente disponível ao serviço na Missão que a Igreja lhe designar, em espírito de obediência para discernir a vontade de Deus, a exemplo de Cristo.
- b) Firmar-se na certeza de que se consagra à missão, para servir à Igreja, servidora do Reino de Deus; de modo algum para atender, em primeiro lugar, às necessidades ou aspirações pessoais;
- c) Aceitar e valorizar os vários carismas dentro da comunidade presbiteral, contribuindo para o fortalecimento do apelo permanente à missão e à comunhão na Igreja Particular.
- d) Relacionar-se com as pessoas, tendo presente que a manifestação do amor para com cada uma, necessariamente, deve significar o amor oblato de Jesus, caminho para o Pai.

57. A formação comunitária levará em consideração o método participativo, para que todos aprendam o valor essencial do trabalho em equipe. Neste aspecto, é importante a avaliação da vida comunitária, que leva a própria comunidade, cada mês, a



enfrentar-se com suas próprias dificuldades e pontos débeis, exigindo partilha de vida e constante avaliação da vida comunitária.

## 2.5 - Dimensão Espiritual

58. A perspectiva nesta área nos é apresentada de forma clara e completa pelo Vaticano II no documento *Presbiterorum Ordinis*, no capítulo 3 – *A vida dos presbíteros* -, que trata do chamado à santidade e da vocação à perfeição dos presbíteros e à vida espiritual. O seminarista deve ter presente esta perspectiva.

59. Somos chamados por Deus e damos, pela fé, pela esperança e pela caridade operosa, uma resposta a Ele, de tal modo que a nossa resposta acaba sendo um diálogo constante com aquele que veio, por seu imenso amor, ao nosso encontro. Nossa espiritualidade se fundamenta naquela de Jesus Cristo, Bom Pastor, que recorre ao Pai em todos os momentos de sua vida, consciente de estar unido em tudo a Ele. O formando, na dinâmica do processo, será conduzido lentamente a imitar Jesus Cristo orante, que confia no Pai e sabe que Ele está sempre presente. A vida espiritual de Jesus Cristo não era alienada da realidade, mas, sim, bem presente, pois o vemos orando antes de escolher os doze, antes realizar a multiplicação dos pães, antes de alguns prodígios e milagres e, enfim, antes de se entregar por todos nós. Ir da oração à ação e da ação à oração. Há de confiar na eficácia da oração: “Tudo o que pedires ao Pai, Ele vo-lo concederá” (Lc 11,9-13).

60. Em todo o processo formativo, incentivar-se-á a oração pessoal baseada na Palavra de Deus, preferencialmente a *Lectio Divina* (Leitura Orante, nos seus quatro passos) para que se confronte a própria história à luz da vida de Jesus e se busque uma identificação sempre mais profunda com Ele. A *Lectio Divina* seja favorecida também em comunidade, para que o grupo formativo – grupo dos discípulos de Jesus – escute a sua palavra para a Comunidade e a viva com alegria. A educação para a *Lectio* será gradual, sendo esta a forma de oração preferida especialmente para o Propedêutico, a fim de que se crie – desde logo – o hábito de pautar a vida pela Palavra do Senhor. Sugere-se para isso o “diário bíblico”, método a ser explicado pelo Diretor Espiritual.

61. A oração não se limitará somente ao necessário aspecto individual, mas deverá englobar também o comunitário, dado que onde dois ou mais estiverem reunidos em nome de Jesus, Ele estará no meio deles (Mt 18,20). Aqui a importância de verdadeiramente educar e formar para a oração comunitária, no seu sentido mais autêntico, sobretudo a Liturgia das Horas. De fato, os jovens que batem às portas de nossas casas de formação, em geral, não têm o hábito da oração da Igreja e, talvez, nem aquele da oração pessoal. Os formadores cuidarão de introduzi-los, nas diferentes etapas, cada vez mais à dinâmica oracional da Igreja, que reza ao Pai a oração de Jesus, movida pelo Espírito, santificando as horas do dia, para que, ao final do processo, ele se sinta de tal forma habituado com a Liturgia das Horas que seja capaz de assumi-la como



compromisso diário para toda a vida.

62. A Eucaristia diária, como característica da Casa de Formação, seja cuidada com especial carinho. É da sua celebração que deriva toda a piedade eucarística da tradição da Igreja. Celebrando cada dia a Eucaristia, a comunidade formativa aprende a doar a vida como Jesus: “Pão partido” e “sangue derramado” e se educa – mistagógicamente – para o autêntico sentido da mesma Eucaristia, a ser vivenciada nas comunidades paroquiais. Adorar a Cristo presente no Tabernáculo, deverá ser ocasião para adorá-lo na vida e colocá-lo como centro da própria existência.

63. Sem dúvida que a formação espiritual deverá contemplar uma verdadeira formação litúrgica. Esta deverá ser teológica e mistagógica. Já no Propedêutico, aqueles que estavam habituados somente com a missa, sejam educados para sua celebração cada dia, como encontro com o Senhor. A comunidade formativa cuidará de viver a mesma dentro daquela participação “plena, ativa e consciente” desejada pelo Concílio Vaticano II, aprendendo a levar a realidade vivencial para a celebração e dela trazendo a luz para a vida, na celebração do mistério de Cristo, conforme a dinâmica do Ano Litúrgico. É desejável que haja também uma verdadeira educação para o canto litúrgico e pastoral valorizando as múltiplas formas de expressão do povo de Deus (neste sentido os que possuem dom musical sejam estimulados a desenvolvê-lo para o bem da Igreja e da própria comunidade formativa).

64. Em todo o tempo, mas sobretudo, no tempo da formação inicial, é importante o recurso à Direção Espiritual, de preferência mensal, como possibilidade de amadurecimento da vida através da abertura e da partilha íntima da vida, em uma eficaz Direção. Esta técnica formativa, que há séculos faz parte da tradição formativa da Igreja, seja valorizada como convém e os jovens formados para dela fazerem recurso frequente, inclusive durante a vida ministerial, por toda a vida.

65. O Seminário deve dar, ao longo do processo formativo, a necessária assimilação (na mente e nas ações diárias) da mística própria do presbítero diocesano, que é a *caridade pastoral*, formando a pessoa a uma entrega gratuita de si mesmo à causa do Reino de Deus a serviço do qual está a Igreja. Essa forma de agir, gradualmente deve transparecer no formando, até chegar a ser a demonstração exterior da sua identificação mais profunda com Jesus Cristo.

66. Na dimensão espiritual, deverá acontecer o vínculo fundamental de todas as outras dimensões, pois a ação do orante será dirigida à sua vida prática e à sua vida espiritual. É deste modo que o formando será convidado a imitar a Jesus Cristo a exemplo dos Santos, que buscaram conformar-se pela fé e pela prática totalmente à vontade de Deus. A formação não fomentará a pertença exclusiva a movimentos de espiritualidade específica, visto que toda a dimensão espiritual do presbítero deve ser abrangente e universal em razão da solicitude por todas as pessoas. Conhecer as



pastorais, movimentos e associações é um bem, pertencer somente a um, para o presbítero diocesano é um mal. Assim, a mística e a espiritualidade do presbítero diocesano será sempre a “caridade pastoral”.

## 2. 6 - Dimensão Intelectual

67. Vivemos numa sociedade moderna e complexa: o mundo globalizado; o neoliberalismo com as exigências do mercado; a inversão de valores que o poder econômico impõe como regra de vida; a comunicação nesta era da cibernética; a lógica comercial voltada para o consumismo; o desafio da sustentação do poder político gerando um comportamento social com menosprezo da ética e da justiça. Diante desta realidade, há uma exigência de que o futuro presbítero seja um homem preparado para dar razão de sua fé (1Pd 3,15), superando todas estas tendências que ameaçam a dignidade humana.

68. Neste contexto, exige-se um nível excelente de formação intelectual capaz de não só proporcionar e desenvolver o conhecimento científico-teológico, mas, ao mesmo tempo, possibilitar ao formando a construção de um método de síntese e de reflexão continuada, a vencer a superficialidade e ser mais profundo no seu pensamento, a ter visão de conjunto e localizar-se na realidade para ser sujeito da mesma; a compreender, viver, anunciar e ensinar a verdade revelada de modo inteligente.

69. Para isso, o formando deve ser capacitado, em todas as etapas da vida acadêmica, para encontrar caminhos, fundamentados no verdadeiro conhecimento, a fim de que seja levado a uma compreensão adequada da realidade humana em que vive, à sua interpretação à luz da fé e a discernir as linhas de ação do seu próprio ministério. Neste sentido, “o Seminário deverá oferecer uma formação intelectual séria e profunda, no campo da filosofia, das ciências humanas e, especialmente, da teologia e da missiologia, a fim de que o futuro sacerdote aprenda a anunciar a fé em toda a sua integridade, fiel ao Magistério da Igreja, com atenção crítica atenta ao contexto cultural de nosso tempo e às grandes correntes de pensamento e de conduta que deverá evangelizar” (DAp 323).

70. Deste modo, a formação intelectual cultivada pela pesquisa e pelo imprescindível bom hábito da leitura, terá uma repercussão significativa, sobretudo na catequese e na pregação. Estas duas atividades devem ser fundamentadas em uma observância metodológica rígida e adequadas para que todos possam colher com clareza a mensagem salvífica de Jesus Cristo. O estudo da Sagrada Escritura e da Doutrina da Igreja é fundamental para que se crie uma intimidade com o Projeto do Reino, desejado pelo Pai e realizado em Jesus Cristo. Tal estudo implica também a superação de um dogmatismo ingênuo e fechado, onde a Revelação não é aprofundada, mas comporta um dado frio e superficial. Pela formação intelectual anelamos



aprofundar-nos na verdade que é a mesma sempre, mas que pode ser compreendida de maneira nova e mais clara. De tal maneira, estaremos buscando o Espírito que dá sentido à lei e nos afastaremos do legalismo que toma a lei ao pé da letra. A fé, nesse sentido, terá a razão como a sua grande parceira e, desta forma, todo o nosso ser será elevado a Deus por estas grandes asas, possibilitando-nos ter uma visão bem mais profunda da vida e das coisas divina.

71. Assim, a formação intelectual orienta-se a formar pastores para o Povo de Deus, a exemplo de Jesus Cristo, os quais se caracterizem como discípulos missionários, servidores cheios de misericórdia. No contexto da formação dos presbíteros, a atenção e o apreço pela dimensão intelectual é uma questão de fidelidade a Deus, fidelidade ao seu povo, fidelidade a si mesmo, e um modo singular de viver o discipulado. É também um sinal da gratidão com o povo de Deus que financia os estudos dos seminaristas.

72. Portanto, “a finalidade pastoral da formação intelectual dos futuros presbíteros exige que ela tenha por base o estudo da teologia, entendida pelo Concílio Vaticano II como o estudo da doutrina católica, à luz da fé e sob a direção do Magistério da Igreja, de modo que os formandos possam 'nela penetrar profundamente, torná-la alimento da própria vida espiritual, anunciá-la, expô-la e defendê-la no ministério'” (OT 16). A teologia, por sua vez, exige o estudo da filosofia, que leva a uma compreensão mais profunda da pessoa humana, da sua liberdade, das relações com o mundo e com Deus, e que contribui para despertar e educar a procura rigorosa da verdade. A filosofia, por outro lado, para uma compreensão mais profunda da pessoa e da sociedade, exige o estudo das ciências humanas, que também são de grande utilidade para o exercício realista, 'encarnado', do ministério pastoral”. Também são necessários conhecimentos que possibilitem no futuro o serviço da administração dos bens da Igreja, da Paróquia ou outras instâncias, confiados ao presbítero. Quem não quer ou não sabe administrar uma paróquia não poderá estar à frente dela como Administrador Paroquial ou Pároco.



### III - DOS OBJETIVOS

73. Tendo em vista o conteúdo global da formação dos presbíteros, o processo formativo deve alcançar os seguintes objetivos:

- formar personalidades humanas, cristãs e presbiterais marcantes como testemunhas autênticas de Jesus Cristo; formar sacerdotes, mediante a formação (espiritual, humano-afetiva, missionária, comunitária e intelectual);
- formar sábios pela sabedoria humano-divina, profetas de Jesus Cristo;
- formar mestres mediante a formação intelectual;
- formar servidores e pastores autênticos de Cristo Pastor, mediante a pastoral-missionária nas comunidades, associações, movimentos;
- formar pessoas de comunhão e de diálogo, na perspectiva de um espiritualidade trinitária;
- formar pessoas capazes de assumir o celibato na configuração a Cristo e por amor ao Reino de Deus.

74. Tendo em vista o ministério, a formação deve alcançar os seguintes objetivos:

- exercitar na oração e na meditação para serem mestres de oração;
- preparar para o ministério da Palavra, a fim de que entendam sempre melhor a Palavra revelada de Deus, que a possuam pela meditação e a expressem por palavras e atitudes;
- preparar para o exercício do ministério do culto e da santificação a fim de que, pela oração e o desempenho das sagradas celebrações litúrgicas, realizem a obra da salvação através do Sacrifício Eucarístico e dos demais Sacramentos;
- preparar para o exercício do ministério pastoral a fim de que saibam representar diante dos homens a Cristo, que “não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em redenção de muitos” (Mc 10,45) (OT 4).

75. O objetivo geral e os objetivos específicos convergem para as qualidades do pastor a serem exercitadas no processo de formação, descritas no Documento de Aparecida: “O Povo de Deus sente a necessidade de presbíteros-discípulos: que tenham profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração; presbíteros-missionários: movidos pela caridade pastoral que os leve a cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distantes, pregando a Palavra de Deus, sempre em comunhão profunda com seu Bispo, com os presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e leigos; de presbíteros servidores da vida: que estejam atentos às necessidades dos mais pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos, e promotores da cultura da solidariedade. Também de presbíteros cheios de misericórdia, disponíveis para administrar o sacramento da reconciliação” (Dap 199).



## IV - CONCLUSÃO

76. Enfim, o projeto formativo deve estar atento e ajudar a formar presbíteros que satisfaçam as exigências atuais quanto à identidade e missão deles exigida, deste aspecto se espera que a formação atinja o objetivo de formar presbíteros com as seguintes características:

- testemunho pessoal de fé e de caridade, de profunda espiritualidade vivida, de renúncia e despojamento de si por causa do Reino;
- ser homem de Igreja que sinta com a Igreja, em comunhão com o Bispo e o Presbitério na perspectiva de favorecer a comunhão e a participação;
- a prioridade da tarefa da evangelização, o que acentua o caráter missionário do ministério presbiteral;
- a capacidade de acolhida a exemplo de Cristo Pastor que une a firmeza à ternura, sem ceder à tentação de um serviço burocrático e rotineiro;
- a partir da Doutrina Social da Igreja ter uma visão cristã dos problemas sociais, empenhando-se no bem comum;
- a solidariedade efetiva com a vida do povo, a opção preferencial pelos pobres, com especial sensibilidade para com os oprimidos, os sofredores, em fidelidade à caminhada da Igreja na América Latina;
- a maturidade para enfrentar os conflitos existenciais que surgem do contato com um mundo consumista, secularizado, e até hostil aos valores do Evangelho;
- cultivo da dimensão ecumênica, o diálogo interreligioso, no respeito à pluralidade de expressão da fé em Deus e nos valores do Evangelho;
- a capacidade de respeitar, de discernir e de suscitar serviços e ministérios para a ação comunitária e a partilha;
- compromisso com a promoção e a manutenção da paz e a concórdia fundamentada na justiça (CIC 287 §1) configurando-se como homem de esperança e seguidor de Jesus na cruz.



## **REGULAMENTO DO SEMINÁRIO DA DIOCESE DE SANTO ANDRÉ**

As Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil (Doc. 93- CNBB) em seu número 144, ponto 3, indica que para cumprir seus objetivos “o Seminário Maior ou a Casa de Formação pressupõe e exige: regulamento próprio.” “Cada Seminário tenha o próprio Regulamento aprovado pelo Bispo Diocesano. Nele se adaptem as normas das Diretrizes Básicas para a formação sacerdotal às circunstancias particulares” (Cân. 243).



# 1 - SEMINÁRIO - TEMPO DA FORMAÇÃO INICIAL

1. O Seminário é uma instituição eclesial que promove o discernimento e a formação do candidato ao presbiterado na chamada “formação inicial”. O Seminário como instituição diocesana canonicamente erigida é obrigatório para os candidatos ao Seminário (Cân 235). Mais que um edifício, é um tempo vivenciado num local específico, e uma comunidade humana e eclesial, de expressão diocesana, onde o primeiro formador é o Bispo diocesano (PdV 65). Essa comunidade tem como finalidade aperfeiçoar a participação do mistério pascal de Cristo, bom pastor, como mestre, sacerdote e rei. Requer-se, pois, que todos os aspectos da formação espiritual, intelectual, comunitária, pastoral-missionária e humano-afetiva, bem como a disciplina da casa sejam harmonizados entre si e possibilitem a resposta às exigências humanas e religiosas de nossa realidade atual.

2. É o Seminário, antes de tudo, uma escola do Evangelho: tem com modelo e referência ideal a própria convivência de Jesus com o grupo dos Apóstolos. Antes de ser um espaço geográfico, o Seminário “representa um espaço espiritual, itinerário de vida, de forma que aquele que é chamado por Deus ao sacerdócio possa tornar-se, pelo sacramento da Ordem, uma imagem viva de Cristo, Cabeça e Pastor da Igreja”(cf. CNBB - Doc. 93, n. 140).

3. Deus chama sempre os seus sacerdotes, a partir de determinados contextos humanos e eclesiais, com os quais estão inevitavelmente coligados e aos quais são mandados para o serviço do Evangelho de Cristo. Por isso, o Seminário acaba sendo uma experiência formativa rica e complexa, com um esforço sério para que todas as suas dimensões estejam articuladas, integradas e equilibradas, sendo entendidas como parte de um processo que se intensifica nesta etapa da formação inicial, mas que deverá continuar por toda a vida.

4. Durante o processo formativo, “o seminarista é sujeito de sua formação, responsável pelo seu próprio crescimento” (cf. CNBB - Doc. 93, n. 90 ). Os formadores têm papel fundamental, uma vez que tomam parte nesse processo (coordenados pelo Bispo como primeiro responsável deste processo), que, por natureza, envolve o acompanhamento de pessoas concretas, que caminham para uma adesão livre ao Senhor.

5. Cabe ao Seminário Maior ou Casa de Formação a articulação de todas as dimensões da formação presbiteral. Embora possa haver espaços próprios para a formação intelectual e a experiência pastoral, é no Seminário Maior e na Casa de Formação que se articulam as diversas dimensões da formação. O Seminário ou Casa de Formação é, portanto, uma experiência educativa rica e complexa, com exigências diversas que precisam de um esforço sério para serem integradas e equilibradas. São os seguintes os objetivos a serem desenvolvidos nesse espaço:



- proporcionar equilíbrio entre a intensa vida comunitária e a abertura ao mundo, ao serviço, à missão;
- desenvolver a maturidade e a responsabilidade pessoal, bem como a disponibilidade para a obediência às exigências do Evangelho e da autoridade da Igreja;
- considerar os aspectos ecumênico, social e missionário da formação presbiteral, por serem desafios importantes da evangelização da Igreja no Brasil;
- organizar com fidelidade e regularidade a récita comunitária da Liturgia das Horas, Laudes, Vésperas e Completas;
- aprofundar a vida de oração, a vivência litúrgica, o esmero e o respeito das normas litúrgicas nas celebrações, em equilíbrio com a multiplicidade de compromissos, o trabalho, o estudo e as atividades pastorais;
- preparar para futuras tarefas pastorais e engajamento em responsabilidades imediatas;
- harmonizar a formação intelectual com a prática pastoral e a vivência espiritual, em vista de um discipulado autêntico;
- promover a entrega total e sincera à vocação e, ao mesmo tempo, prudente verificação dos sinais da vontade de Deus;
- dedicar tempo suficiente para ilustrar os aspectos positivos do celibato, falando abertamente das suas exigências e mostrando aos vocacionados a importância de vivê-lo como dom de Deus.

### **1.1 - Projeto formativo em três etapas distintas**

6. O processo formativo vivido no Seminário está baseado na doutrina da Igreja sobre o presbiterado. Ele está contido no “projeto formativo”, que apresenta objetivos concretos em metas definidas, em vista da formação da pessoa do futuro presbítero. Em todo o processo de formação são observadas sempre cinco dimensões: espiritual, humano-afetiva, intelectual, comunitária e pastoral, sendo esta última enriquecida com elementos de missionariedade.

7. O Diretório da Formação da Diocese de Santo André apresenta o itinerário de toda a formação inicial, que prevê três etapas formativas: o tempo do Propedêutico (um ano), o tempo da Filosofia (três anos) e o tempo da Teologia (quatro anos). Contudo, o Diretório da Formação não reduz o período da formação inicial exclusivamente a este tempo de 8 anos, mas leva em consideração, antes de tudo, o amadurecimento da pessoa. No itinerário formativo destacam-se cinco aspectos fundamentais que devem aparecer e serem percebidos na pessoa do formando: encontro com Jesus Cristo, conversão, discipulado, comunhão e missão (cf. DAp 278)

8. Neste processo, o formando deve lembrar-se que o Seminário não deve ser visto como um ambiente fechado em si mesmo. A Casa de Formação é o coração da Igreja Particular, devendo o formando e os seus responsáveis sentirem-se acolhidos e



com o passar do tempo engajar-se na realidade diocesana.

## **1.2 - Locais de residência e estudos**

9. A natureza e a dinâmica da formação exigem que, dentro do possível, a mesma se desenvolva em locais distintos e aptos às exigências de cada etapa. A ideia de processo é válida para o crescimento e amadurecimento do formando, por isso, é de suma importância que cada etapa da formação seja vivida em locais diferentes. Na Diocese de Santo André temos a Formação para o Presbiterado desenvolvida no Seminário Diocesano em três locais diferentes, são estas as Casas de Formação: Propedêutica, Filosófica e Teológica.

10. O local dos estudos varia conforme a possibilidade da formação intelectual. Ordinariamente, no período do Propedêutico, o estudo é realizado na própria Casa de Formação. Para a Filosofia e a Teologia, o Bispo, junto com seu conselho de Formadores, irá propor sempre a Faculdade ou Instituição de Ensino que melhor convier para a formação intelectual dos seminaristas.

## **1.3 - Normas Gerais das Casas de Formação**

11. A comunidade formativa deve ser um ambiente alegre e responsável. Característica do ambiente formativo deve ser a consciência de estar num processo de amadurecimento humano, buscando formar-se, ao lado da alegria de pertencer a Cristo e de sentir-se chamado por Ele a colaborar na implantação do Reino de Deus e salvação da humanidade como presbítero da Diocese de Santo André (cf. Cân. 243; CNBB - Doc. 93, n. 144).

12. Em cada Casa de Formação, os ambientes deverão transmitir essas características, pelo trato entre as pessoas e pela centralidade da pessoa de Jesus Cristo. Fisicamente, isso será simbolizado na presença da imagem do Senhor e de sua Mãe Santíssima e pela maneira como é disposta a mobília, com simplicidade, ordem, limpeza e bom gosto.

13. O responsável imediato pela Casa de Formação é o Reitor que nela reside, que, em nome do Bispo, coordena a vida da comunidade em fidelidade ao Diretório da Formação da Diocese.

14. A manutenção econômica do Seminário é de responsabilidade da Diocese de Santo André através da taxa das Obras para as Vocações Sacerdotais que provêm das paróquias e dos frutos da renda de patrimônios da Diocese. Estes valores subvencionam o processo formativo, destinando a cada casa uma certa quantia mensal, que os formadores responsáveis administrarão e prestarão contas junto à Cúria Diocesana. É importante para a formação dos futuros padres que os gastos e balancetes sejam repassados também a eles pelo reitor (através dos balancetes), para que se tenha consciência do investido e se desenvolva a corresponsabilidade financeira, promovendo



a economia própria do Evangelho.

15. A manutenção diária dos ambientes físicos da Casa de Formação é uma responsabilidade a ser partilhada pelos seminaristas, sob orientação do Reitor; também as funcionárias devem se responsabilizar por esta tarefa. Todos são responsáveis pelo patrimônio espiritual, humano e físico do Seminário. O seminarista que de modo recorrente não zelar pelas coisas do Seminário, não ajudando seus irmãos na conservação do mesmo, tendo o Reitor buscado entender suas motivações e ajudá-lo nesta dificuldade, e este estando obstinado na falta, tendo sido advertido pelo Reitor, e, manifestando reincidências, cabe ao Reitor levar o caso ao Conselho de Formadores para que se tome as providências cabíveis. Lembre-se que tudo o que existe na Casa é fruto da doação das paróquias de nossa diocese, que, por sua vez, as recebem da generosidade do povo de Deus.

16. Por isso, todos são chamados a desempenhar as funções no ano formativo e a essas funções é bom que se ofereça, com ânimo e vontade, pois aqui vão se mostrando o amor a Cristo e à Igreja e também a capacidade de doação integral de si. As funções serão determinadas pelo formador responsável e distribuídas entre os seminaristas e propedeutas, conforme o costume de cada Casa de Formação sendo favorável também a alternância das funções entre os seminaristas.



## 2 - OS FORMANDOS

### 2.1 - Das condições básicas para a entrada no Seminário

17. Todo candidato ao Seminário só poderá ser admitido ao mesmo após passar por um processo de acompanhamento vocacional promovido pela Pastoral Vocacional e pela permissão do Bispo para ser admitido (cf. Cân. 241 § 1). Premissa indispensável é a fé cristã, o sentir-se chamado ao ministério presbiteral na pertença à Igreja Particular de Santo André e a boa conduta moral.

18. Durante esse processo de acompanhamento vocacional, o candidato deverá dar mostras de qualidades humanas e espirituais indispensáveis para o início da caminhada formativa em vistas do ministério presbiteral. Além disso, deve mostrar convicção a respeito de sua vocação e aceitação da doutrina do presbiterado definida pela Igreja e as condições para assumir esse ministério, além de estar disposto a assumir seriamente o tempo de formação inicial. Deverá também apresentar condições físicas, psíquicas, familiares e eclesiais condizentes à formação integral em vista do ministério presbiteral, inclusive do celibato.

19. Uma vez que os candidatos ingressam no Propedêutico após terem completado o Ensino Médio identifica-se por um lado um sinal de enriquecimento, pois, muitas vezes, entre esses candidatos há alguns que são portadores de experiência de fé viva e madura e séria bagagem cultural. Por outro lado, exige atenção, pois não é raro que outros apresentem certas deficiências de formação, como: visão fragmentada da própria experiência de vida; dificuldades de ordem afetiva e sexual; problemas decorrentes da desintegração familiar; perturbações emocionais; falta de cultura humanística e científica; deficiências no Ensino Fundamental e Médio; fragilidade de convicções básicas de vida cristã em comunidades eclesiais; sobretudo, carência de uma iniciação à vida comunitária. Ressalte-se que muitas vezes este panorama não é falta do próprio candidato, mas das condições de vida e convívio a que pertenceu.

20. Antes de ingressarem no Seminário de Filosofia e Teologia, os vocacionados, devem passar por um período chamado propedêutico. Esse período “é tempo de preparação humana”, cristã, intelectual e espiritual para os candidatos ao Seminário de filosofia e teologia, organizado como uma instituição autônoma, distinta e articulada com os outros períodos da formação, levando em consideração as seguintes indicações: residência ou local próprio, com programação específica; não inferior a um ano; após o ensino médio.

21. O ingresso no propedêutico seja precedido por um processo de discernimento vocacional, que leve ao conhecimento das reais motivações do vocacionado, através de um levantamento histórico-pessoal, ou seja, o conhecimento de sua vida nos seguintes âmbitos: familiar, comunitário-eclesial, espiritual, afeito-



sexual, socioeconômico, intelectual e cultural. Esse discernimento seja feito através de: consulta às comunidades de origem, visitas aos familiares, entrevistas, encontros vocacionais, retiros e outros. O candidato após a anuência da Pastoral Vocacional deve encaminhar por escrito o seu pedido ao Bispo diocesano que por sua vez enviará uma resposta.

22. Entre os elementos principais constitutivos da programação do propedêutico, destacam-se:

- **Dimensão humano-afetivo:** prioridade ao amadurecimento da personalidade do vocacionado; aprofundamento do discernimento vocacional; aprimoramento da formação humano-afetiva; centralização e atenção especial à pessoa do formando, através do acompanhamento personalizado, psicoterapia, dinâmicas de grupo; promoção do conhecimento de si mesmo, das qualidades, fragilidades e limites; orientação sobre a sexualidade; formação da consciência e do caráter; equilíbrio no relacionamento interpessoal;

- **Dimensão comunitária:** iniciação e aprofundamento da vida comunitária; superação das tendências ao isolamento e individualismo; formação para práticas de acolhida, abertura e solidariedade; experiências de convivência de trabalho em grupo; superação dos apegos pessoais em vista da inserção na comunidade; reconhecimento das qualidades alheias; seriedade nos compromissos assumidos com a comunidade e com outros.

- **Dimensão espiritual:** aprofundamento da experiência de Deus e de amizade com Jesus Cristo, através da consciência da vocação batismal, da celebração diária da Eucaristia, da leitura orante da Palavra de Deus, das Celebrações da Palavra, métodos de oração e de exercícios espirituais; da confissão frequente e da orientação espiritual; da devoção mariana e oração do terço; valorização das experiências de fé vividas anteriormente; participação em acontecimentos importantes na Igreja; noções de liturgia e espiritualidade; introdução ao ministério de Cristo e da Igreja, através do estudo do Catecismo da Igreja Católica.

- **Dimensão intelectual:** Complementação da formação intelectual (humanística e científica) do ensino médio; introdução ao ensino da filosofia; metodologia de estudo, leitura e aprendizagem; aperfeiçoamento da língua vernácula; aprendizado de língua moderna; noções básicas de ciências sociais, história (geral, da Igreja e da Diocese de Santo André), geografia e política, literatura, identidade brasileira; formação da consciência crítica da realidade; formação musical e noções de arte sacra, além de sensibilização às artes e cultura em geral.

- **Dimensão pastoral-missionária:** iniciação à compreensão da Igreja e do ministério presbiteral; preparação para a vida eclesial, na abertura para a vida missionária, tendo presente alguns meios: observação na caminhada pastoral da Diocese, do plano de pastoral, das orientações do Bispo. Nesta fase da formação, não realizam estágio



pastoral, mas isso não deve ser empecilho para a formação de uma consciência pastoral que vai à procura dos batizados não praticantes e dos não batizados.

23. No caso de egressos (dispensados) de outros Seminários, também deverão fazer um ano propedêutico antes de ingressar na filosofia e na teologia, mas antes do propedêutico passarão por um período de acompanhamento com algum formador indicado pelo Bispo e seu Conselho de Formadores (cf. Cân. 241§3). Para que se evite a tentação de querer driblar as etapas formativas.

24. Dos documentos obrigatórios que acompanham o candidato e que devem ser entregues ao responsável pelo propedêutico no dia de ingresso:

- Carta de motivações pessoais e pedido de ingresso dirigida ao Bispo Diocesano;
- Carta do Bispo Diocesano permitindo o ingresso no processo formativo;
- Carta de apresentação fornecida pelo pároco;
- Atestado de saúde física e mental (obtidas em clínicas indicadas pelo diretor do propedêutico e custeadas pela formação);
- Certidões de Batismo e Crisma do candidato;
- Fotocópia dos documentos pessoais (RG, CPF, Título de eleitor, certificado de dispensa do serviço militar ou reservista);
- Certificado de conclusão do ensino médio.

No final do Seminário propedêutico estes documentos devem ser enviados ao Seminário de Filosofia, caso para lá seja encaminhado o seminarista.

25. Para ingressar no Seminário Maior (Casa de Formação Filosófica e Teológica) exige-se do vocacionado ao presbiterado os seguintes critérios:

- posse de qualidades humanas e espirituais indispensáveis, tais como: reta intenção, grau suficiente de maturidade humana, afetiva e sexual, saúde física, psíquica e mental, conhecimento da doutrina da fé, alguma introdução aos métodos de oração e leitura orante da Palavra de Deus, costumes próprios da tradição cristã e experiência de vida eclesial;
- clara convicção a respeito de sua vocação presbiteral e dos compromissos inerentes a ela;
- aceitação sincera da doutrina do presbiterado definida pela Igreja;
- disposição para assumir seriamente a preparação específica e sistemática ao ministério diaconal e presbiteral, em todas as suas dimensões;
- atitudes que expressem o esforço pessoal de encontrar Deus e de viver conscientemente a fé (PdV 62; EN 48);
- comportamento condizente com a opção assumida, no referente às virtudes humanas e cristãs e aos conselhos evangélicos da pobreza, da castidade e da obediência (inclusive o celibato);



- capacidade de situar-se com equilíbrio entre a afirmação das próprias convicções e a abertura ao diálogo com o mundo plural;
- assimilação dos conteúdos e atitudes propostos na etapa do propedêutico;
- disposição para residir no Seminário ou Casa de Formação, durante todo o tempo da formação ou, pelo menos, durante quatro anos (CIC 235 § 1º);
- carta de apresentação do respectivo pároco ou de outro presbítero ou agente de pastoral vocacional que o tenha efetivamente orientado;
- testemunho escrito do seu antigo superior (Bispo em caso de diocesano ou superior religioso), com informações fidedignas, quando se tratar de vocacionado egresso de outro Seminário, levando em conta as normas do Código de Direito Canônico (CIC 241) e outras diretrizes do Magistério da Igreja e as orientações da CNBB a respeito dos candidatos egressos.

## **2.2 - Da vivência no Seminário**

26. O Seminário, mais que um local, é uma convivência onde o seminarista aprende os princípios básicos para a futura vida ministerial, num contínuo processo de conversão no seguimento e Jesus. A ação formativa, centrada na pessoa mais que na estrutura, há de ser personalizante, superando os riscos da massificação ou despersonalização, permitindo ampla abertura aos dotes e inclinações pessoais positivas e a manifestação da individualidade e originalidade de cada um.

27. Todo o itinerário da formação encontra-se claramente exposto no plano Formativo, que cada seminarista e propedeuta deverá ter em mãos, para estudar, refletir, assimilar e fazer daí brotar a vida, a fim de que possa cumprir os objetivos da formação.

28. Como protagonista da sua formação, cabe ao seminarista colaborar para que o Seminário progrida como comunidade formativa. É em base à resposta do seminarista ou propedeuta ao plano formativo e à verificação de seu protagonismo que, periodicamente, dentro de um processo e após vários diálogos, se verificará a oportuna continuidade do seminarista na Casa de Formação ou não.



## 3 - OS FORMADORES

### 3.1 - Quem são os formadores

29. A expressão “formadores” abrange, em sentido duplo, o conjunto de todos aqueles que cooperam na formação dos candidatos ao presbiterado: em primeiro lugar o Bispo Diocesano, os formadores (Reitores) da Filosofia, Teologia e Propedêutico, os diretores espirituais e intelectuais, os assessores de Pastoral vocacional, os Padres que recebem seminaristas para as atividades pastorais, psicólogos e professores. Todos estes são chamados a cooperar ativamente com a formação presbiteral, cada qual em sua função, em sintonia com os responsáveis por cada etapa formativa.

30. A presença dos formadores é elemento central na formação dos seminaristas. “Seu testemunho e a preparação são decisivos para o acompanhamento dos seminaristas para um amadurecimento afetivo que os faça aptos para abraçar o celibato e capazes de viver em comunhão com seus irmãos na vocação sacerdotal; nesse sentido, os cursos de formadores que se tem implementado são meio eficaz de ajuda à sua missão” (DAp 317). A presença constante do formador no Seminário, assim como seu bom exemplo, são necessários para o êxito do processo formativo. Deste modo devem ser evitadas ausências constantes e prolongadas.

31. Os formadores se esforçarão para que o processo formativo integre uma proposta clara, com metas a atingir, e a experiência de caminhar com seriedade em direção ao grande objetivo da formação que é a formação da pessoa do futuro presbítero, num caminho de configuração a Jesus Cristo, o Bom Pastor. Por isso, o candidato verá a ação dos formadores como mediação humana da ação do Espírito Santo.

32. Constitui uma inestimável ajuda ao Bispo, que a equipe de formadores, em espírito de unidade, corresponsabilidade e fraternidade, possa conduzir a formação com plena confiança na graça de Deus, com uma alegria e entusiasmos quotidianos, que sejam expressão sincera do grande amor de Jesus à sua Igreja. É dever dos Reitores e demais formadores conhecer e trabalhar para que o “Plano Formativo” da diocese seja executado.

33. Para os formadores, o “trabalho em equipe” é uma necessidade que brota da própria natureza da formação como processo. Todos devem empenhar-se por viver essa dimensão, especialmente, os formadores responsáveis pelas Casas de Formação. Na Diocese de Santo André a Equipe de Formadores é composta de todos os envolvidos diretamente na formação.

### 3.2 - Os formadores (Reitores) responsáveis pela Casa de Formação

34. Em sentido mais estrito, “formador” é aquele responsável diretamente por



uma etapa da formação inicial (Propedêutico, Filosofia e Teologia). Estes se encarregarão de criar clima de confiança, interação, respeito e disciplina em cada Casa, favorecendo a originalidade de cada um e apontando a todos as metas comuns que possibilitarão a caminhada comunitária em vista do grande objetivo da formação. O formador e sua presença na casa devem ser caracterizados por um agir de fé, pela maturidade, pela perspectiva pastoral e pela sinceridade. O formador é paterno e fraterno porque deve ajudar, orientar e, quando necessário, corrigir. Sua presença na Casa é fundamental para alcançar os objetivos da Formação Presbiteral Inicial.

35. Como administradores responsáveis do patrimônio do Seminário, os Formadores do Propedêutico, Filosofia e Teologia se interessarão em fazer com que todos os que vivem em cada casa, dela cuidem com carinho e responsabilidade, inclusive através do trabalho de manutenção, que farão graciosamente e com espírito de colaboração, mediante tudo o que tem recebido morando ali.

### **3.3 - O conselho de Formadores**

36. Os formadores (reitores) compõem o Conselho de Formadores, com a missão de precisar e acompanhar e repensar sempre o processo formativo inicial. Eles colaboram para que a configuração do Seminário como comunidade formativa se manifeste, sobretudo, no trabalho de elaboração, aplicação e avaliação do processo formativo, do regulamento, e no escrutínio dos candidatos.

37. Para melhor desempenhar sua função, o conselho deverá reunir-se em tempo bimestral, sempre sob a presidência do Bispo Diocesano, com a missão que lhe é própria e com preocupação de fazer caminhar a formação de acordo com o espírito do diretório de formação, estando especialmente atentos na execução do “Plano Formativo”.

38. Constitui o Conselho de Formadores: o Bispo Diocesano, o Formador do Propedêutico, o Reitor do Seminário de Filosofia, o Reitor do Seminário de Teologia, o Coordenador Diocesano de Pastoral, o Vigário Geral da Diocese e quem mais o Bispo julgar necessário.

### **3.4 - O Bispo Diocesano**

39. O Bispo Diocesano, como primeiro formador (cf. PdV) é responsável pela formação presbiteral na Diocese, preside o Conselho de Formadores. A ele competem as seguintes funções:

- Garantir a identidade do Seminário e o tipo de formação, de acordo com as diretrizes estabelecidas pela Santa Sé, pela CNBB e pela Diocese de Santo André, através do “Plano Formativo”.
- Nomear os Formadores do propedêutico, da Filosofia e Teologia, os Diretores Espirituais e de Estudo e o Coordenador da Pastoral Vocacional;



- Estimular a comunhão e a co-responsabilidade entre os formadores;
- Preocupar-se com a formação permanente dos formadores;
- Supervisionar todo o processo formativo;
- Examinar, segundo seu juízo, a idoneidade de cada candidato antes de admiti-lo ao processo formativo e especialmente às Ordens Sacras, com o parecer escrito do formador responsável pela etapa formativa;
- Visitar com frequência o Seminário;
- Emitir o juízo final sobre a idoneidade do candidato à ordenação (cf. Cân. 1025 e 1029).

40. Sendo o Bispo o primeiro representante de Cristo na formação dos presbíteros, deve fazer-se frequentemente presente no Seminário ou Casa de Formação e velar sobre a formação aí ministrada (cf. PdV 65). Seja acessível a contatos pessoais com formandos e formadores, em clima de confiança e cordialidade. Informe-se sobre a vocação, índole, piedade e aproveitamento dos formandos, particularmente em vista das ordenações (cf. CIC 259 §2). O Bispo deve demonstrar a mesma solicitude para com seus seminaristas confiados a Seminários situados fora de sua diocese.

### **3.5 - Os Formadores responsáveis do Propedêutico Filosofia, Teologia.**

41. O Bispo Diocesano nomeia, para cada etapa da formação, Formadores que possam acompanhá-las (cf. Cân. 239). São atribuição dos mesmos:

- Animar e coordenar a vida das casas de Formação da qual é responsável, dinamizando dia-a-dia e orientando os trabalhos a serem desenvolvidos com espírito de entrega e de serviço.
- Acompanhar pessoalmente os formandos em todo o processo formativo, mediante conversas e diálogo franco, favorecendo um ambiente de confiança e respeito. Para isto a presença do Reitor na Casa de Formação é essencial.
- Zelar que o amor de Cristo e a consciência da própria vocação de cada formando dinamize a vida espiritual da comunidade.
- Promover o crescimento espiritual de cada seminarista na comunidade formativa e que todos os seminaristas participem mensalmente da direção espiritual e, frequentemente, à confissão.
- Conhecer e incentivar as capacidades individuais de cada um dos formandos, para que sejam integrados no processo formativo e cada um desenvolva sua originalidade e se encontre num verdadeiro projeto de vida, dentro de um crescimento humano afetivo e harmônico, com a colaboração do psicólogo (a).
- Promover e acompanhar as atividades pastorais e missionárias dos seminaristas que lhe forem confiados, em diálogo e colaboração com os padres que acolhem os seminaristas para o estágio pastoral e semana missionária, pedindo-lhe sempre um parecer por escrito.



- Interessar-se pelo desenvolvimento intelectual de cada seminarista, acompanhando-lhe o rendimento escolar e despertando em cada um o amor ao estudo e a importância de estar atualizado mediante o reto uso dos meios da comunicação social.
- Participar das reuniões do Conselho de Formadores, dando, em cada uma delas, um resumo do andamento da Casa de Formação prestando contas de sua administração.
- Esforçar-se por um verdadeiro trabalho de Equipe com os outros responsáveis por etapas formativas.
- Elaborar anualmente um parecer escrito sobre o aluno conforme as orientações da CNBB e, no caso do formador da Teologia, apresentar o parecer por ocasião das Ordens, tendo o parecer dos formadores que julgar necessário.
- Criar um clima de responsabilidade na comunidade formativa pelo ambiente que lhes forem entregues e zelar pela manutenção material do patrimônio.
- Prestar contas mensalmente, do movimento financeiro, para a Cúria Diocesana, através do balancete mensal.
- Dispensar aqueles seminaristas que não correspondem ao plano formativo após ouvir o Bispo e o Conselho de Formadores.
- Fazer a apresentação ao Bispo dos candidatos às Ordens Sacras.
- Manter devidamente informando o Bispo Diocesano sobre a vida do Seminário.

### **3.6 - O Diretor Espiritual**

42. Os diretores Espirituais (um do Propedêutico, um da Filosofia, e um da Teologia), nomeados pelo Bispo Diocesano, são os formadores responsáveis pela direção espiritual e educação progressiva na vida espiritual dos seminaristas.

43. É função dos Diretores Espirituais:

- Ajudar a desenvolver nos seminaristas uma espiritualidade fundada na Palavra de Deus e na Fé da Igreja, a fim de que esta possibilite uma leitura crítica da realidade.
- Promover a comunhão e a unidade na orientação espiritual, programando e avaliando o trabalho nas Casas de Formação.
- Ouvindo o Conselho de Formadores, promover o retiro espiritual anual para a Filosofia e Teologia (três dias completos) e Propedêutico de comum acordo com o Reitor.
- Zelar pela promoção dos encontros de espiritualidades e retiros (pelo menos um em cada semestre).
- Zelar pela promoção e condução da formação espiritual em cada Casa de Formação na perspectiva da “Caridade Pastoral” que deve mostrar a espiritualidade do padre diocesano.
- Ao tomar decisão relativa à admissão dos seminaristas às ordens ou a sua demissão do Seminário, nunca se pode pedir o parecer do diretor espiritual. (Cân. 240 § 2).
- Estar presente na Casa de Formação para orientação espiritual a cada 15 dias.



- Além do Diretor Espiritual pode ser nomeado um sacerdote confessor da Casa de Formação (Cân. 240)

### **3.7 - O Diretor de Estudos**

44. O Diretor de estudos é um padre indicado pelo Bispo diocesano para a Casa de Formação (Filosofia e Teologia) com a finalidade de ajudar os seminaristas e o reitor na área intelectual. Suas funções consistem em:

- Favorecer a Dimensão Intelectual como descrita no Plano Formativo
- Auxiliar os seminaristas a elaborarem uma disciplina de estudo pessoal
- Realizar formações periódicas com temas de maior dificuldade acadêmica dos seminaristas.
- Auxiliar na elaboração dos trabalhos, sobretudo em Trabalhos de Conclusão de Curso e o Exame *Universa*.
- Acompanhar a Biblioteca do Seminário Diocesano indicando ao reitor as bibliografias necessárias para que esta esteja sempre completa.
- Zelar por aqueles que demonstram dificuldade intelectual, auxiliando-os na mesma, dentro das possibilidades. Se for o caso dando encaminhamento profissional para os casos.
- Motivar o desenvolvimento de habilidades intelectuais pessoais fornecendo os instrumentais para este desenvolvimento.
- Estar presente na Casa de Formação para orientação intelectual a cada 15 dias.

### **3.8 - O Coordenador da Pastoral Vocacional**

45. O Coordenador da Pastoral Vocacional desempenha um papel importante no processo seletivo para o ingresso dos jovens candidatos na formação inicial. Ocorra a presença do Coordenador da Pastoral Vocacional no Conselho de Formadores quando solicitada, justificando-se esta pela necessidade de pensar o processo formativo desde o momento do acompanhamento, em vista da seleção.

46. O Coordenador da Pastoral Vocacional:

- Motiva e coordena o trabalho das vocações sacerdotais diocesanas, com encontros, retiros, convivências e diálogos;
- É responsável pelo processo seletivo para o ingresso na Casa de Formação do Propedêutico, com ajuda da Equipe da Pastoral Vocacional (com outros padres, psicólogos e seminarista) e do Conselho de Formadores;
- Dispensa os que não foram aceitos para o ingresso no processo formativo após consulta ao Bispo Diocesano.
- Faz ponte entre a Pastoral Vocacional e as etapas da formação inicial, mormente o Propedêutico;
- É ao mesmo tempo o assessor diocesano da equipe de Serviço de Animação Vocacional (SAV), auxiliando o despertar, cultivar, discernir e acompanhar dos vocacionados em todas possibilidades vocacionais;
- Anima a equipe diocesana para dinamizar a oração, a ação e a reflexão sobre as vocações, especialmente a vocação sacerdotal em âmbito diocesano.



## 4 - DIMENSÃO PASTORAL

### 4.1 - Estágio Pastoral

47. A modalidade das atividades pastorais é regulamentada pelo Diretório da Formação e pelas indicações que forem dadas pelo Conselho de Formadores, através do formador responsável por cada etapa formativa.

Em linhas gerais:

- Os propedutas não realizam nenhum trabalho pastoral propriamente dito. Nos finais de semana, permanecem na Casa de Formação, ou realizam visitas às paróquias da Diocese para ampliar seu conhecimento da realidade, a juízo do Formador do Propedêutico, sejam estas visitas sempre em grupo.

- Os filósofos e teólogos são enviados para as diversas paróquias da diocese escolhidas pelo Formadores das três casas. O tempo de estágio pastoral na paróquia escolhida é de um ano, podendo permanecer por mais um ano, caso seja aprovado pelos formadores junto do Bispo.

- As paróquias que recebem os seminaristas devem possuir as seguintes características: possuir à frente um padre integrado no presbitério e maduro pastoral e afetivamente, aberto às orientações do Bispo e da formação e que participe das reuniões convocadas pelos formadores; a paróquia deve possuir atividades pastorais que os seminaristas podem acompanhar bem como uma vida litúrgica, bíblica-catequética e caritativa que busca sempre se aprimorar; as paróquias devem ser realidades diferentes da já experimentada pelo seminarista seja em sua paróquia de origem seja nos anos anteriores, isto através de regiões pastorais diferentes ou paróquias com perfis diferentes, isto para que ele possa aprender a diversidade pastoral da Diocese de Santo André.

- Durante a Teologia o seminarista é incentivado a acompanhar, uma Pastoral Diocesana, juntamente com o Padre Assessor da mesma Pastoral. Estes momentos e responsabilidades assumidas servirão como instrumento à futura missão de presbítero que o seminarista assumirá, se chegar ao final do processo. Para este serviço considere-se a rotina do Seminário, em diálogo entre o reitor, o padre assessor da pastoral diocesana e o padre da pastoral aos finais de semana. Isto ajudará a desenvolver seu amor e pertença à Diocese de Santo André e a habilidade na Pastoral de Conjunto. Se necessário, em diálogo com o reitor, o seminarista pode alternar a Pastoral Diocesana ao longo dos 4 anos da Teologia.

48. Cada início de ano, o seminarista deverá, após contato com o padre que o acolherá, elaborar com o mesmo um planejamento pastoral de suas atividades na Paróquia, colocando-as por escrito. Este planejamento será entregue ao Pároco e ao Reitor, e servirá de base para as avaliações do desempenho do seminarista.



49. No final de cada ano, o padre que acolheu o seminarista deverá enviar ao Reitor a sua avaliação pessoal do jovem seminarista que ficará no arquivo da Casa de Formação, sobre a atuação pastoral do mesmo. É necessário, para a validade de sua avaliação enviada, que tenha feito também uma avaliação junto com o seminarista, expondo-lhe verdadeiramente suas facilidades e dificuldades na pastoral, em base ao planejamento feito no início do ano.

50. Também o seminarista, no final de cada semestre, deverá apresentar ao reitor uma avaliação de seu desenvolvimento pastoral junto à Paróquia, a partir do planejamento elaborado no início do ano. Lembre-se que o Estágio Pastoral visa estimular o sentimento de pertença, integração e dedicação à Igreja Particular.

51. Ao Programar as atividades pastorais com o padre que os acolhem, os seminaristas deverão levar em conta os horários e as atividades do Seminário.

52. Em linhas gerais, para o estágio pastoral, os seminaristas deixam o Seminário no sábado pela manhã (exceto quando há visita do Bispo) e regressam no domingo à noite, em horários que o Reitor determinar. Fica convencionado que o retorno do seminarista, aos domingos, não poderá ultrapassar as 22h30. Urgências excepcionais a esta orientação sejam comunicadas pelo seminarista e autorizadas pelo reitor.

53. Para ausentar-se da Casa de Formação durante a semana, por motivos pastorais, é necessária a autorização pessoal (e não presumida) do Reitor, para cada saída. Procurem os seminaristas respeitar esta norma disciplinar para evitar situações constrangedoras.

54. As transferências de pastoral após serem acertados com o Bispo serão sempre comunicados pelo Reitor da Filosofia e Teologia, no início de cada ano formativo, aos interessados, após o contato do Reitor com o padre que acolherá o seminarista.

55. O auxílio que os párocos/administradores paroquiais de pastoral dos seminaristas fornecem é assumido pela Paróquia. No tocante a este auxílio, segue a seguinte orientação:

- Para os filósofos e teólogos, é prevista um auxílio a ser acertado entre o padre que acolhe na pastoral e o Reitor;
- Conforme costume adotado, através da liberdade dos seminaristas, o auxílio da pastoral poderá ser colocado em comum e repartida entre os seminaristas em partes iguais, tal gesto auxilia no crescimento do espírito de partilha e demonstra maturidade cristã (At 4, 34-35).
- O seminarista em vigia deve receber o valor de ajuda da paróquia como se estivesse em labor pastoral na mesma.
- Os formadores cuidem para que este auxílio não se torne o motivo para se querer trabalhar em paróquias determinadas.



56. Sobre os Ministérios Extraordinários para os seminaristas, observe-se o seguinte:

- a) Os propedeutas por respeito à etapa formativa, não devem distribuir a Sagrada Comunhão nas celebrações ou Presidir a Celebração da Palavra de Deus em que participarem, descumprimentos a esta norma serão avaliados pela equipe formativa.
- b) Os seminaristas, no segundo ano de filosofia, após acompanhamento por parte dos reitores, tendo os seminaristas recebido a devida formação (que inclua o aspecto bíblico, teológico, litúrgico e prático) seja-lhes conferido os Ministérios Extraordinários da Comunhão e do Culto e Palavra.
- c) Os seminaristas, no primeiro ano de teologia, após acompanhamento por parte dos reitores, tendo os seminaristas recebido a devida formação (que inclua o aspecto bíblico, teológico, litúrgico e prático) seja-lhes conferido os Ministérios Extraordinários das Exéquias e da Benção.

57. As regulamentações acima expostas visam indicar que o seminarista deve viver bem cada etapa formativa, suas possibilidades e limites, na paróquia ele aprenderá sobre as diversas realidades, ensinará a muitos e será por muitos ensinado, contudo, seu auxílio pastoral não deve ser considerado como um ofício de padre, de vigário paroquial, esta fase encontrará seu lugar após a ordenação, este não é o momento propício para isto. Ressalte-se que o seminarista só se tornará clérigo quando receber a ordenação diaconal, permanecendo leigo até esta ocasião.

58. Como um dado formativo pastoral convêm que haja formações pontuais e especializadas no Seminário na área administrativa e financeira. Assumir responsabilidades pastorais que demandem conhecimento nesta matéria é uma necessidade presente, deste modo capacitação nesta área faz parte da formação.

59. O presbítero é um comunicador pastoral, como tal, deve, a fim de bem conduzir sua missão, formar-se nesta área. Para tanto, realizem-se formações pontuais e especializadas no Seminário nas áreas de oratória, homilética, redes digitais e demais necessidades comunicativas. Estas ferramentas de comunicação estão a serviço da Evangelização e devem ser bem utilizadas pelos ministros da Igreja.

60. Para que o candidato não chegue ao ministério com lacunas relacionadas à prática sacramental e pastoral, sejam experimentadas as seguintes vivências (a estas outras mais podem ser acrescentadas) de acordo com as paróquias designadas, naturalmente elas se interconectam no processo e podem ser intercaladas:

1º Ano de Filosofia: Organização da própria agenda pastoral e observação das realidades paroquiais.



2º Ano de Filosofia: Conferimento do Ministério Extraordinário da Comunhão, do Culto e Palavra. Elaboração de Formações Pastorais.

3º Ano de Filosofia: Realizar visitas a hospitais e outras periferias existenciais.

1º Ano de Teologia: Conferimento do Ministério Extraordinário das Exéquias e da Bênção. Acompanhar Pastoral Diocesana e coordenar Retiros Paroquiais.

2º Ano de Teologia: Formações Diocesanas, acompanhar os livros da Paróquia de Pastoral (Batismo, Matrimônio, Crisma e Tombo). No Seminário organizar laboratórios para os Sacramentos do Batismo e Matrimônio (aspectos pastorais, litúrgicos e canônicos). Na Paróquia procure participar destes sacramentos e as catequeses que os acompanham.

3º Ano de Teologia: Acompanhar o CPP (Conselho de Pastoral Paroquial) e o CAEP (Conselho de Assuntos Econômicos Paroquial) da Paróquia de Pastoral.

4º Ano de Teologia: Acompanhar a Administração Paroquial junto ao Pároco/Administrador Paroquial. No Seminário organizar laboratórios para o Sacramento da Reconciliação e para as Direções Espirituais.



## 5 - DIMENSÃO MISSIONÁRIA

61. Uma vez por ano, ao menos, será realizada a Semana Missionária dos Seminaristas. uma realidade para realizar uma Semana Missionária. A programação deverá ser escolhida pelos Reitores e a equipe missionária que contém representantes de cada Casa de Formação (Propedêutico, Filosofia e Teologia); inclui-se nesta equipe o padre que sedia as missões (Pároco/Administrador paroquial ou assessor de pastoral). A Semana pode ocorrer em uma ou mais Paróquias da Diocese, ou, se for o caso, em uma realidade social/pastoral da Diocese (p.ex Past. da Saúde, junto aos enfermos e agentes da área, etc).

62. O objetivo desta Semana Missionaria é favorecer aos seminaristas a experiência forte da missão, principalmente junto a realidades pastoralmente difíceis de nossa diocese. Quanto ao período, este será proposto pelo Conselho de Formadores.

63. Uma vez que esta atividade é de fundamental importância para abrir-se à missão e sensibilizar por sua necessidade, além de dar ao seminarista a concepção da necessidade de ir ao encontro do povo, todo seminarista deverá participar desta Semana Missionária e só será dispensado da mesma por causas graves.

64. A formação missionária, dentro da dimensão pastoral, não se reduz à experiência das Semanas Missionárias. É necessário abrir-se à realidade da missão além dos limites da Diocese. Isto será possível se a formação para o ministério presbiteral for permeada por uma pastoral de cunho missionário como recomendam os Bispos em Aparecida.

65. É desejável também que os seminaristas, no tempo da Teologia, façam algum curso de formação missionária em algum Instituto especializado, para que possam ajudar a fazer crescer a sensibilidade missionária dentro da Casa de Formação e, posteriormente, no seu ministério pastoral. Em especial, seja contemplada a missão nas cidades dado que elas são “lugares privilegiados de missão, nelas surgem novos costumes e modelos de vida, novas formas de cultura e comunicação que, depois, influem na população” (RM 37).



## 6 - DIMENSÃO COMUNITÁRIA

### 6.1 - Disciplina do horário como acolhida da realidade comunitária

66. A disciplina exige o respeito do regulamento e das orientações, razoáveis e prudentes, dos formadores e da comunidade formativa. Além de ser um necessário apoio à vida comunitária e à caridade. Na aquisição do autodomínio, ela favorece a emergência de disposições a atitudes de disponibilidade e serviço, fundamentais para a missão do presbítero.

67. Segundo as disposições e particularidade de cada casa, haverá um horário comum que deverá ser obedecido sabendo que eventuais mudanças poderão acontecer. Este horário, proposto pelo reitor, deverá ser verificado por toda a comunidade do Seminário. É conveniente que este horário esteja disposto em um local da casa visível a todos.

68. Conscientes da riqueza do “estar juntos” e como garantia da experiência comunitária diante da multiplicidade de atividades e necessidades pessoais, ninguém se ausente nos horários comuns de oração e refeição (café da manhã, almoço e jantar) sem grave necessidade e sem anuência do Reitor. Ninguém se ausente, sobremaneira, dos horários de direção espiritual, dos encontros com a psicóloga e das visitas do Bispo.

69. Cada formando procure ser ponte e não obstáculo para o crescimento do outro. No relacionamento cotidiano, deve-se honrar o colega como pessoa, evitando todo palavreado vão, falta de decência e pudor, violação de privacidade. Saibam todos que, sem disciplina, não há realização de qualquer projeto, meta ou objetivo.

### 6.2 - Educar-se para o trabalho em equipe

70. Os momentos de trabalho, no Seminário, são importantíssimos para que cada um mostre realmente quem é no contato com o outro e, ainda, para que todos se eduquem ao trabalho em equipe em vista do ingresso no Presbitério, caso se tornem presbíteros. O Presbitério exige a pastoral de conjunto na Comunhão e na Participação.

71. É nos trabalhos da casa que vamos aprendendo a aceitar o “dom do outro”, verificando a multiplicidade de capacidades, praticando a correção fraterna, ajudando-nos mutuamente como irmãos. No trabalho em equipe, de certa forma, se vê despertando no candidato o *espírito de liderança*, necessário a todo presbítero.

### 6.3 - Cultura, lazer, esporte, e cuidados com a saúde

72. Uma vez por semana dentro do possível, em cada casa, haverá um momento de recreação comum, onde poderá ser exibido um filme ou será programada uma atividade cultural.

73. Pelo menos uma vez por semestre, em cada casa, haverá um dia ou um período de lazer comum, incluindo algum passeio, para que todos, individualmente e



como comunidade, aprendam o valor de estar juntos.

74. Os exercícios físicos ou um tipo de esporte fazem parte de uma formação integral. Os horários comuns deverão prever um momento próprio para estas atividades. Cabe a cada seminarista, consciente da importância da atividade física, incluir em suas preocupações a realização de atividades físicas e desportivas.

#### **6.4 - Avaliações da caminhada formativa e partilhas de vida**

75. Uma vez que, sem avaliar a caminhada, não há crescimento, no início e no fim de cada semestre, cada comunidade formativa, deverá realizar um momento de avaliação e revisão de caminhada, juntamente com seu formador responsável. Também é recomendável momentos de partilha, colocando a sua vida em comum. A correção fraterna deve fazer parte da formação, em especial nos momentos de avaliação.



## 7 - DIMENSÃO HUMANO-AFETIVA

### 7.1 - Momentos formativos

76. Mensalmente, os formadores responsáveis pelas etapas providenciarão que haja um momento de formação humano-afetiva, podendo contar com a ajuda de outros formadores e do (a) psicólogo (a).

77. Uma vez por ano, haverá uma semana intensiva de formação humano-afetiva, colocando sempre em discussão os temas mais urgentes escolhidos pela comunidade formativa ou propostos pelo Conselho de Formadores.

78. Para melhor acompanhamento, o Bispo Diocesano reservará para si momentos de conversa individual com seus seminaristas, de acordo com os horários da Casa de Formação e de sua própria disponibilidade. Também o Reitor, terá conversas individuais com cada formando durante o semestre e, se motivos exigirem, o Reitor poderá solicitar a qualquer momento; o mesmo vale para o formador do curso propedêutico. O seminarista também poderá solicitar esta conversa quando sentir necessidade.

### 7.2 - Acompanhamento Psicológico

79. A Comunidade formativa deverá amadurecer o relacionamento humano-afetivo a partir do auxílio psicológico e dos trabalhos comuns. Por isso, todos os seminaristas deverão ser atendidos por um psicólogo (a), tanto na etapa do Propedêutico, como na Filosofia e Teologia. A participação nos trabalhos promovidos pelo psicólogo (a) é obrigatória.

80. Àqueles que precisarem, será garantido o acompanhamento psicológico personalizado, além do acompanhamento habitual da casa, em vista da formação e do crescimento da pessoa.

### 7.3 - Relacionamento com os formadores, professores e funcionários

81. Espera-se dos formandos o devido respeito aos seus formadores, próprias de um relacionamento sadio e de uma boa educação. Faz parte desse relacionamento a obediência de quem veio para servir e a solícita cooperação.

82. Para com os professores, é importante que haja o mesmo respeito e boa educação, sabendo-se manter a dignidade. Os professores não são reitores, mas colaboram muito em sua missão específica para a formação dos seminaristas.

83. Os funcionários da Casa de Formação e da Instituição de Ensino não são reitores nem familiares dos seminaristas, por conseguinte não devem agir como tal. Indica-se aos funcionários que, agindo com profissionalismo, tratem todos seminaristas com equidade não favorecendo a nenhum deles. Sejam respeitados os horários e as atribuições de trabalho. Não se enlevem os funcionários por conversas demasiadas com



os seminaristas e/ou outros comportamentos impróprios para o labor a que foram contratados.

84. Os seminaristas por sua vez, não são patrões dos funcionários e não devem agir como tal. Os seminaristas não projetem nos funcionários da casa seus desejos de relacionamento parental e afetivo. Espera-se dos formandos o devido respeito para com os funcionários, com comportamentos próprios de um relacionamento sadio e de uma boa educação.

85. É preciso evitar a permanência de seminaristas nos ambientes próprios dos funcionários nos horários de estudo, visto que, não só interferem na própria organização do estudo, como no trabalho dos funcionários.

86. A alimentação na Casa de Formação, a ser preparada pela cozinheira, seja acompanhada por uma nutricionista a fim de que seja saudável para todos.

#### **7.4 - Regras disciplinares**

87. Todos devem esmerar-se pela disciplina do Seminário, que não só “garante a vida comunitária e a caridade, mas que é indispensável na formação, para conseguir autodomínio, promover sólida maturidade da pessoa e formar as demais disposições do espírito que ajudam decididamente no ordenado e frutuoso trabalho da Igreja”

88. Sobre o modo de vestir-se no Seminário, pede-se bom senso e sobriedade, evitando a moda passageira e sem sentido, que mais condiz com a vida artística que sacerdotal. Devem todos, em suas vestimentas, estar nos padrões convencionados a pessoas do sexo masculino. Na capela, para as orações e para a missa, não se deve portar bermudas ou regatas, e é preciso que estejam calçados.

89. Os seminaristas serão orientados a não usar piercings ou brincos. Não se recomenda também que façam tatuagem (marcas anteriores não são consideradas), nem extravagâncias nos cabelos ou unhas ou qualquer espécie de modismo exacerbado, na vida daquele que quer ser um presbítero é o Cristo quem deve aparecer, não o padre em si.



## 8 - DIMENSÃO ESPIRITUAL

### 8.1 - Vida espiritual no Seminário

90. Não podemos pressupor que todos os que chegam à formação inicial sejam, de fato, experientes na vida espiritual. A formação espiritual deverá, gradativamente, propor aos jovens o encontro pessoal com Jesus Cristo e a experiência do discipulado. Assim, o processo de amadurecimento da pessoa e a configuração da mesma a Jesus Cristo, Bom Pastor, dentro de um crescimento espiritual, deve sobressair através do esforço sincero e permanente de conversão, sobretudo pela escuta da Palavra de Deus.

91. A Eucaristia, com centro e ápice da vida do cristão, deverá ser diária nas casas de formação. As celebrações eucarísticas deverão ser preparadas com muito esmero e simplicidade, tanto nas monições quanto nos cantos. (cf. Cân. 246)

92. Os orientadores espirituais promoverão momentos de formação espiritual a partir da Palavra de Deus. A Palavra de Deus ocupe o seminarista de tal modo, que ele permaneça em sua escuta, mormente na leitura e meditação da Sagrada Escritura. Por isso, cada Casa de Formação recomende também momentos de *Lectio Divina* ou Leitura Orante da Bíblia.

93. Semanalmente, dentro do possível, em cada casa, haverá a exposição e adoração do Santíssimo Sacramento. Nunca falte em nossas casas adoradores de Cristo vivo, que seus momentos de adoração fomentem espírito de sacrifício, oração meditativa e silenciosa.

94. Todos devem acorrer aos atos de piedade e de oração, com pontualidade e com intensa participação. Cada comunidade formativa, dedicará um momento à devoção comunitária a Nossa Senhora nos meses de maio e outubro, a ela confiando-se filialmente como Mãe educadora, meditando sua vida e aprendendo dela a total dedicação à própria vocação como serviço a Deus e à humanidade. Serão valorizadas e incentivadas as devoções populares, típicas da nossa gente, como a Via Sacra, na Quaresma, e a reza frequente do Terço e outras formas de devoção Mariana. Na quaresma se valorize o jejum às quartas e sextas-feiras.

### 8.2 - Orientação Espiritual

95. Cada seminarista deve ter o seu orientador espiritual, escolhido entre os nomes indicados pelo Conselho de Formadores; caso o candidato não se identifique com nenhum dos orientadores indicados, deverá apresentar ao Conselho um nome alternativo podendo este ser aprovado ou não pela mesma instância. A orientação espiritual deverá ser mensal. Evite-se trocar de orientador espiritual sem justa causa e, em caso de troca, deve-se comunicar o formador responsável.

96. Haverá em cada Casa de Formação momentos de oração a serem preparados pelo diretor espiritual.



97. Todos os seminaristas poderão durante o processo formativo fazer um retiro de 8 dias, segundo espiritualidade indicada ou aprovada pelo Reitor, o momento formativo para esta atividade seja acordado entre formador e formando, em comum acordo com o Bispo.

98. Pelo menos na Quaresma e no Advento, haja Celebração Penitencial com possibilidade do Sacramento da Reconciliação (com confissão e absolvição individuais). Sejam os seminaristas incentivados a buscar frequentemente o Sacramento da Reconciliação dentro de uma maior dimensão penitencial da vida cristã, para isto podem recorrer ao confessor da Casa de Formação ou outro padre que julgarem por bem.



## 9 - DIMENSÃO INTELECTUAL

### 9.1 - Os Estudos Acadêmicos

99. Os seminaristas procurem participar das aulas com interesse. Ninguém deve ausentar-se das aulas sem uma justificativa razoável e sem dar ciência desta ausência ao Reitor. É necessário o consentimento do Reitor para estar na faculdade em horários que se deveria estar nas atividades do Seminário.

100. As turmas de Filosofia e Teologia tenham um representante do Seminário junto à faculdade, livremente escolhido entre os alunos. Participem com interesse e recorram aos Diretores de Estudos de suas respectivas casas.

101. Procurem os seminaristas participar de todas as atividades escolares com dedicação e espontaneidade, dando o máximo de si. As atividades extracurriculares que não atrapalhem, mas favoreçam a caminhada formativa do seminarista sejam estimuladas. Deste modo, os seminaristas sejam incentivados à pesquisa e aprimoramento em ambientes interdisciplinares que podem favorecer o seu desempenho no pastoreio.

102. As notas mínimas exigidas pela academia (em avaliações e trabalhos de conclusão de curso) são condições para a continuidade do itinerário formativo. Em caso de não cumprimento dos requisitos mínimos para aprovação acadêmica fica a critério do reitor, em consonância com o Conselho de Formadores, a decisão sobre a continuidade ou não do candidato no processo.

### 9.2 - O estudo pessoal

103. Cada um busque elaborar um plano de estudos pessoal, levando em consideração o tempo, os meios disponíveis e a própria capacidade. Para isto, peça-se a ajuda do Diretor de Estudos. Os seminaristas não tenham medo de sacrificar os tempos livres e opcionais para dedicar-se ao estudo e à pesquisa. Evite-se nos horários de estudo a permanência em outros locais que não os próprios para isto (biblioteca, sala de estudo, e no caso da teologia, o quarto).

104. Procure utilizar os meios de comunicação impressos e audiovisuais também em benefício do crescimento intelectual e do aprofundamento de suas pesquisas.

105. Os horários de estudo são primordiais. Os formandos devem procurar segui-los com atenção e educadamente manter o silêncio na Casa de Formação. Fica determinado o uso sadio da internet.

### 9.3 - A biblioteca da Casa de Formação

106. Em cada Casa de Formação se fará um esforço para haver uma biblioteca



capaz de atender às necessidades acadêmicas e intelectuais dos seminaristas, de acordo com a etapa formativa. Por ser um investimento custoso e difícil, a biblioteca seja muito bem cuidada e constantemente atualizada, na medida das possibilidades.

107. O formador responsável ajudará a comunidade a fazer um reto uso da própria biblioteca, incentivando que todos tenham acesso e frequentem a esta riqueza, muitas vezes escondida. O Diretor de Estudos de cada casa deve interessar-se para que a Biblioteca da Casa de Formação seja adequado em seu acervo, conservação e organização.

108. Sempre haverá um(ou mais) seminarista(s) responsável(eis) pela mesma, escolhido(s) a cada ano. Procure que não se perca o senso de continuidade nos trabalhos da Biblioteca na alternância entre os escolhidos para esta tarefa. Os livros sejam sempre retirados e devolvidos mediante este responsável, e seu uso seja feito no período letivo, devendo ser desenvolvidos na última semana de aula.



## 10 - DOS ASSUNTOS DIVERSOS

### 10.1 - Projeto Comunitário de vida

109. No início do ano, após o retiro, deve-se fazer a sua programação sobre a convivência na Casa de Formação e distribuir as funções necessárias para o bom andamento da rotina da casa. Procure-se nesta programação contemplar a agenda com as datas de: Missas Diocesanas, Retiro, Almoço das Famílias, Tardes de Formação, Férias e outros, conforme disponibilidade destas informações.

### 10.2 - Formação Litúrgica na Casa de Formação

110. A formação litúrgica dos candidatos ao presbiterado é algo de suma importância na Casa de Formação. Os jovens devem, paulatinamente, serem introduzidos no verdadeiro sentido da liturgia, passando pelo conhecimento da ciência litúrgica, até chegarem à presidência das assembleias como ministros ordenados. Por isso, a equipe de formadores deverá contar com a ajuda de pessoas especializadas na ciência litúrgica, para que, desde o tempo de Seminário, o formando possa conhecer, amar e celebrar a Sagrada Liturgia.

111. No tempo do Propedêutico, recomenda-se uma matéria destinada à Introdução à Liturgia e o estudo do Diretório de Liturgia da Diocese com o objetivo de dar a conhecer os fundamentos daquilo que se celebra, visando acima de tudo o amor a Liturgia da Igreja, em toda a sua complexidade, como celebração da vida no mistério de Cristo e da Igreja. Todos estudem, nessa etapa, a *Sacrosanctum Concilium*, a fim de conhecerem o ensinamento do Concílio Vaticano II a respeito do tema.

112. No tempo da filosofia, os jovens seminaristas deem um passo a mais, capacitando-se para auxiliar as celebrações litúrgicas. Aprendam a celebrar com o gosto e vida a Eucaristia, a liturgia das horas e outras celebrações da comunidade cristã e aprendam a prepará-las, diferenciando-se equipes de celebração e equipes de liturgia. Tornem-se familiarizados com os objetivos litúrgicos e capacitados para “ministrar” as celebrações. Para isto leiam “Instrução Geral sobre o Missal Romano”.

113. Na Teologia, acompanhando o ritmo dos Ministérios do leitor e acólito e também a ordenação Diaconal, capacitem-se para os mesmos, indo além dos fundamentos teológicos da liturgia. Aprendam a presidir uma Celebração da Palavra de Deus e estejam dentro da “participação plena, ativa e consciente” na Liturgia. Familiarizem-se com os diversos rituais (sobretudo Batismo, Penitência, Unção dos Enfermos e Matrimônio) e leiam todas as suas introduções.

114. No arco de toda a formação, sejam – por um período – sacristão da Casa de Formação, para aprender o zelo com os objetos e paramentos necessários ao Culto Divino, cuidando do Seminário.



115. Prevejam-se momentos de formação litúrgico-musical dos futuros presbíteros, mormente pela participação nos cursos promovidos pelo Setor Música da Diocese ou de outros locais. Convém que saibam ao menos as partes fixas da missa na língua latina e as orações latinas cantadas em sua forma clássicas. Ao final da teologia, todos devem ter aprendido a cantar ao menos as orações presidenciais e aquilo que convém às celebrações solenes.

### **10.3 - Saídas – Descanso – Período de Férias**

116. A segunda-feira, após as aulas, é momento de folga para os seminaristas. Neste período, pode o formando visitar a casa de seus pais e/ou amigos, assim como, de vez em quando, a paróquia de origem. Também nesta tarde de folga, o seminarista deverá marcar consultas, quando necessário, ou resolver problemas pessoais. A saída do Seminário nos demais dias deverá ser autorizada pelo Reitor da Casa de Formação. Os propedeutas terão a segunda-feira livre alternadamente, isto é, uma segunda sim e outra não. Devem usar esta segunda em que estão no Seminário para a leitura, estudo, reflexão e oração.

117. As férias dos seminaristas não devem ser confundidas com as férias da universidade, evitando, dessa forma, condicionar a vida do Seminário ao ano letivo. Cabe ao formando um mês anual de férias, os outros períodos podem ser ocupados a critério do Conselho de Formadores. Afinal, o ano letivo é parte integrante da formação, não o contrário. Quanto aos feriados civis e religiosos, cabe à equipe de formadores decidir se haverá atividade, ou se dará folga para os seminaristas nesse dia.

### **10.4 - Uso da túnica e vestimentas clericais**

118. Os propedeutas só poderão utilizar túnica ou alva, branca ou bege clara, após o segundo semestre deste primeiro período da formação. Os filósofos podem usar a túnica ou alva, branca ou bege clara, ao auxiliar nas funções litúrgicas. Em nenhum momento deverão vestir a batina ou clergyman.

119. Os teólogos devem usar a túnica ou alva, branca ou bege clara, auxiliando as funções litúrgicas; os que recebem os ministérios não se dispensem desta obrigação. A batina pode ser usada nas solenidades por aqueles que passam pelo rito de admissão como candidato às Ordens Sacras, tendo por cima a sobrepeliz (cabe o bom senso na confecção e uso destas) dentro das celebrações litúrgicas. O uso da camisa de clergyman fica restrito aos ministros ordenados.

### **10.5 - Mídias: Computador, telefone, rádio e outros**

120. O uso dos meios de comunicação será disponibilizado em nossas casas de formação, que terão sempre à disposição a TV, o acesso à internet e a assinatura de, pelo menos, um jornal e uma revista. A mídia seja usada com responsabilidade e em vista da própria formação; nunca, porém, como meio de fuga ou de maneira que atrapalhe a vivência comunitária.



121. A TV e o computador com internet são permitidas dentro dos horários da casa e nos ambientes comuns. O computador e o rádio são permitidos como um item pessoal, sempre em volume moderado. É vetado aos seminaristas possuir aparelhos de TV nos próprios quartos.

122. O telefone é um meio de comunicação necessário, útil, mas dispendioso. Deverá ser usado com moderação e em horários convenientes por questões de praticidade e economia, mas nunca após as Completas, a não ser que em casos urgentes.

123. O uso de telefones celulares é permitido, com toda a discrição que deve ser própria aos futuros presbíteros e à Casa de Formação. Estando nos momentos de oração e de convivência fraterna, como café da manhã, almoço, jantar, ou outros momentos de confraternização, pede-se que o seminarista deixe seu aparelho celular nos quartos, evitando o mau hábito de não dar atenção à comunidade, porque está preocupado com as redes sociais.

124. Os custos dos aparelhos eletrônicos são de responsabilidade do seminarista proprietário.

#### **10.6 - Visitas e hospedagem**

125. Todas as visitas, especialmente aquelas que se detiverem em algum momento comum (de oração ou refeição) sejam apresentadas ao formador e à comunidade formativa por quem as acolhe ou convida, preferencialmente com antecedência.

126. No Seminário, de acordo com as possibilidades, haja sempre um quarto reservado para os hóspedes e ambientes considerados comuns, onde as visitas sejam acolhidas.

127. É dever de todos acolher sempre muito bem as visitas, que serão recebidas nas dependências comuns. Evite-se levar as visitas aos quartos, sem conhecimento do reitor.

128. A presença de hóspedes ou de visita prolongadas (de um período como uma tarde ou de dias) deve ser comunicada antes ao reitor.

#### **10.7 - Participação das Famílias**

129. É desejável que durante o ano aconteça uma confraternização como um momento em que as famílias partilhem com seus filhos a alegria dos mesmos estarem no Seminário, mediante a participação na missa e em algumas atividades. Este é um importante momento de integração com a comunidade formativa.

130. A visita dos seminaristas às famílias é parte do projeto de formação e tem em vista não afastar o seminarista de sua origem.



131. As despesas pessoais como roupas, produtos de higiene pessoal, aparelhos tecnológicos, livros, são de responsabilidade do seminarista ou da família, se esta puder ajudar.

### **10.8 - Plano de Saúde**

132. A Diocese arcará com o plano de Saúde a partir da Filosofia. Caso a família do seminarista tenha condições, deverá pedir que a mesma o ajude com o plano de saúde ou, pelo menos, na compra dos remédios.

133. Após o Diaconado, o valor referente ao plano de saúde passará a ser responsabilidade da Paróquia que acolhe o Diácono.

### **10.9 - Previdência Social – INSS**

134. A partir do Ingresso na Casa de Formação Teológica o seminarista terá o seu INSS recolhido pela Cúria Diocesana, cabe ao próprio seminarista o acompanhamento deste processo e verificação do cumprimento desta indicação.

### **10.10 - Ajuda de Custo para os seminaristas**

135. O seminarista a partir da Filosofia receberá da Cúria Diocesana uma ajuda de custo de meio salário mínimo mensal. Observe-se ainda o que recomenda o n 130 - Doc 93 – CNBB.

136. A paróquia que recebe o seminarista na pastoral aos finais de semana tem a responsabilidade de o ajudar pelo menos com o dinheiro do deslocamento, por meio de transporte público, do Seminário para a pastoral e da pastoral para o Seminário. Se houver ainda, deslocamento por meio de transporte público dentro da paróquia também este é de responsabilidade da paróquia.

137. Pode-se convencionar entre os formadores algum valor específico das paróquias que recebem seminarista na pastoral. Conforme o número 55, seja motivado o Caixa Comum pelos seminaristas a fim de que todos recebam o mesmo valor, quer trabalhem em paróquias mais abastadas quer estejam em realidades mais carentes.



## 11 - ADMISSÃO, MINISTÉRIOS E ORDENAÇÕES NA CASA DE TEOLOGIA

138. Em linhas gerais, os seminaristas teólogos:

- a) Serão admitidos como candidatos às Sagradas Ordens no 1º ano de teologia;
- b) Serão instituídos no ministério de leitor no 2º ano de teologia, e instituídos no ministério do acolitado no 3º ano de teologia;
- c) Serão ordenados Diáconos após o 4º ano de teologia ou no segundo semestre do 4º ano a critério do Bispo.
- d) Serão ordenados presbíteros, quando o Bispo, após ouvir seus Conselhos (de Formadores e de Presbíteros), considerar que seja a hora.

139. É sempre o reitor quem avisa o seminarista sobre a oportunidade de requerer a instituição nos ministérios ou as ordenações. O requerimento deverá ser redigido de próprio punho e com clareza e entregue ao reitor que encaminhará o mesmo ao Bispo Diocesano, com seu parecer.

140. No caso de ordenação, para a elaboração do parecer do reitor ou escrutínio, serão pedidos pareceres de alguns ou de todos os padres que acolheram os seminaristas no estágio pastoral. Também poderão ser pedidos pareceres dos professores. A realização de proclamas é recomendável (cf. Cân. 1051 §2)

141. Os párocos que acolheram na pastoral, para elaboração dos pareceres, consultem também alguns leigos de confiança ou, ao menos, o Conselho de Pastoral Paroquial. Façam, além disso, o seu parecer pessoal e enviem ao reitor.

142. Após ouvido o Conselho de Formadores e o Conselho de Presbíteros, o Bispo decidirá e marcará a data da ordenação junto com o candidato, quando o mesmo for aprovado.

143. O retiro, para as Ordens, são previstos 5 dias inteiros. O pregador e o local do retiro serão indicados pelo Bispo, em comunhão com os eleitos para ordenação.

144. A profissão de Fé, o Juramento de Fidelidade serão feitos momentos antes da celebração de Ordenação Diaconal, conforme a orientação do Bispo, diante dos que irão participar da Celebração Eucarística (padres, diáconos, seminaristas e pais do ordenando). O Compromisso de Celibato (Cân. 1037) é realizado dentro do rito da Ordenação Diaconal.



## 12 - COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS EM CADA ETAPA

145. Os dados seguintes visam oferecer parâmetros para averiguar os candidatos ao sacerdócio, isto se dará através da análise de comportamentos apresentados pelos mesmos. Entende-se que ao longo da formação deve ocorrer um crescimento, uma maturação onde cada vez mais se aja condizentemente com o ministério a que se aspira. Cada fase entende as anteriores como pressupostas.

146. Sejam os candidatos desde o início do processo formativo informados sobre estes requisitos para o prosseguimento de cada etapa. Cuide o reitor de analisar se estas realidades estão sendo atingidas. A formação não é uma fórmula matemática, particularidades devem ser consideradas, mas os parâmetros são essenciais para o juízo crítico.

147. Espera-se no Propedêutico que o candidato até o final da etapa:

- Demonstre sinceridade;
- Seja disponível para ajudar os outros;
- Seja uma pessoa que demonstre alegria e equilíbrio psicológico;
- Seja educado com as pessoas;
- Possua boas maneiras na vida comunitária;
- Demonstre interesse por aprender e respeite os professores;
- Seja responsável perante as tarefas exigidas;
- Demonstre corresponsabilidade com a Casa de Formação e demais posses da Igreja;
- Demonstre amor à Eucaristia e à Formação;
- Compreenda o Kerigma;
- Tenha estudado o Catecismo;
- Saiba rezar a Liturgia das Horas e saiba Celebrar a Palavra de Deus;
- Tenha iniciado o processo de direção Espiritual;
- Tenha momentos de oração pessoal e comunitária;
- Possua uma devoção especial a Maria;
- Seja capaz de vencer os sincretismos oriundos de uma formação cristã incompleta;
- Permita-se ser acompanhado pelos formadores.

148. Espera-se na Filosofia que o candidato até o final da etapa:

- Seja capaz de corrigir e ser corrigido fraternalmente;
- Saiba expressar-se através de gestos e palavras coerentes;
- Possua disciplina na Oração;
- Demonstre capacidade de diálogo
- Possua capacidade de auto-domínio;
- Tenha opção clara pela justiça;
- Faça uso disciplinado das tecnologias;
- Saiba mediar conflitos (sobretudo na Casa de Formação e na pastoral);



- Tenha boa interação no trabalho pastoral;
- Demonstre atitudes de bom uso da liberdade responsável;
- Disposição fiel para o celibato;
- Faça uso responsável do dinheiro;
- Trabalhe com saudável cooperação apostólica com mulheres, homens e crianças na Pastoral e demais ambientes;
- Demonstre capacidade de lidar com as diversas instâncias pastorais, movimentos e associações eclesiais;
- Demonstre capacidade de boas iniciativas;
- Demonstre capacidade de fazer análises críticas;
- Seja resistente à tendência de acomodação e aburguesamento;
- Possua familiaridade com a Palavra de Deus;
- Possua capacidade de leitura e redação de textos filosóficos;
- Cumpra os requisitos acadêmicos propostos pela faculdade;
- Inicie o estudo de uma língua moderna, se possível.

149. Espera-se na Teologia que o candidato até o final da etapa:

- Demonstre capacidade de tomar decisões duradouras;
- Seja solidário, demonstrando amor pelos pobres e excluídos da sociedade;
- Possua um bom relacionamento com os superiores, através do respeito, proximidade e afeto com o Bispo e demais autoridades;
- Possua atitudes de compaixão para com as pessoas;
- Seja consciente do *tria munere*: Santificar, Ensinar e Reger;
- Possua um sentido de Igreja universal e particular, aceitando o ministério do Bispo;
- Tenha assumido o voto de obediência que irá emitir na Ordenação como “colaborador da ordem episcopal”;
- Demonstre amor à Diocese, sua história e opções pastorais;
- Veja nos colegas verdadeiros irmãos que um dia o serão no Presbitério;
- Cumpra os requisitos acadêmicos propostos pela Universidade;
- Seja capaz de ler e redigir textos teológicos;
- Demonstre zelo pastoral e litúrgico;
- Acompanhe, para além da Pastoral Paroquial, uma (ou mais caso alterne ao longo dos 4 anos) Pastoral Diocesana.
- Seja um facilitador da Pastoral Orgânica Paroquial e Diocesana;
- Seja capaz de renunciar verdadeiramente à família na perspectiva do Reino;
- Saiba lidar com a solidão e a opção celibatária;
- Trabalhe bem em equipe e saiba favorecer a comunhão;
- Seja conhecedor técnico, teológico e espiritual, da Palavra de Deus;
- Possua uma vida de oração pautada na liberdade amorosa, para além da disciplina interna da casa e das obrigações;
- Demonstre prudência na conversação;
- Tenha um espírito servicial;



- Possua uma boa pregação;
- Possua a percepção de pecado pessoal e social;
- Seja consciente do que é a espiritualidade do presbítero diocesano, assumindo a “caridade pastoral” como meta de vida ministerial;
- Demonstre capacidade de vivência ecumênica;
- Tenha superado os intimismos espirituais adquirindo senso comunitário;
- Saiba dialogar com pessoas simples e com setores influentes da sociedade;
- Favoreça uma saudável inculturação das realidades;
- Possua disponibilidade missionária;
- Tenha percebido que o presbítero verdadeiramente é um *alter Christos*;
- Perceba-se no candidato um verdadeiro evangelizador;
- Demonstre uma sadia abertura para o mundo;
- Seja capaz de ligar com múltiplos compromissos;
- Seja versado nas celebrações dos 7 sacramentos;
- Demonstre capacidade de fielmente administrar os bens próprios e os da Igreja sem fazer confusão entre estes.



## 13 - DISPENSA DO PROCESSO FORMATIVO

150. A falta de correspondência ou a carência de possibilidade de corresponder ao processo formativo acarretará a dispensa do candidato, sendo que, para isto, se usará sempre o diálogo franco e construtivo na base da verdade na caridade.

151. Após a dispensa a documentação do que deixou o processo formativo seja arquivada na Cúria Diocesana (o mesmo vale para os que pediram dispensa).

152. Quanto aos egressos que solicitam admissão, seja ele de nossa diocese, de outras ou de Congregações e Institutos, se requer:

- Carta de Apresentação do Bispo Diocesano (caso de Diocesano);
- Carta de Apresentação do Reitor do local onde cursou Seminário (Caso de diocesano e religioso);
- Pedido por escrito do pretendente, com suas motivações e expressão, com franqueza, das situações anteriores ocorridas;
- Conversa(s) pessoal(ais) com o Coordenador da Pastoral Vocacional;
- Conversa(s) pessoal(ais) com o Bispo Diocesano;
- Exame Prévio do caso pelo Conselho de Formadores.

Caso o discernimento seja favorável, o candidato em questão deve ingressar em uma comunidade paroquial indicada pelo Bispo, sendo acolhido pelo pároco/administrador paroquial e pela comunidade. Neste ano participará dos encontros da Pastoral Vocacional. Ao final do ano será decidido pelo Bispo, tendo ouvido o Conselho de Formadores, o pároco e os leigos da paróquia se pode ou não entrar no processo formativo em nossa Diocese.

153. Haja um presbítero (preferencialmente que já tenha trabalhado na formação) para acompanhar quem é desligado ou por iniciativa própria se desligou do Seminário. Este aspecto visa acompanhar humanamente os ex-formandos.

## REDAÇÃO

Conselho de Formadores:

Dom Pedro Carlos Cipollini

Pe. Ademir Santos de Oliveira

Pe. Joel Nery

Pe. José Aparecido Cassiano

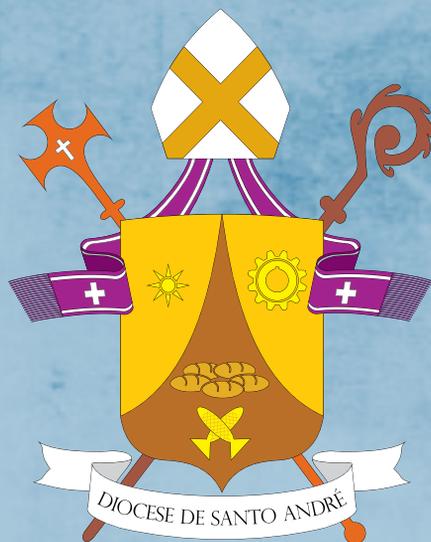
Pe. Dayvid da Silva

Pe. Vagner Franzini

Revisão e Emendas – Conselho de Presbíteros e Seminaristas da Teologia e Filosofia

Revisão Gramatical – Seminarista Vinicius Ferreira Afonso





*www.diocesesa.org.br 11 4469-2077 contato@diocesesa.org.br*  
*Praça do Carmo, 36, Santo André - SP*